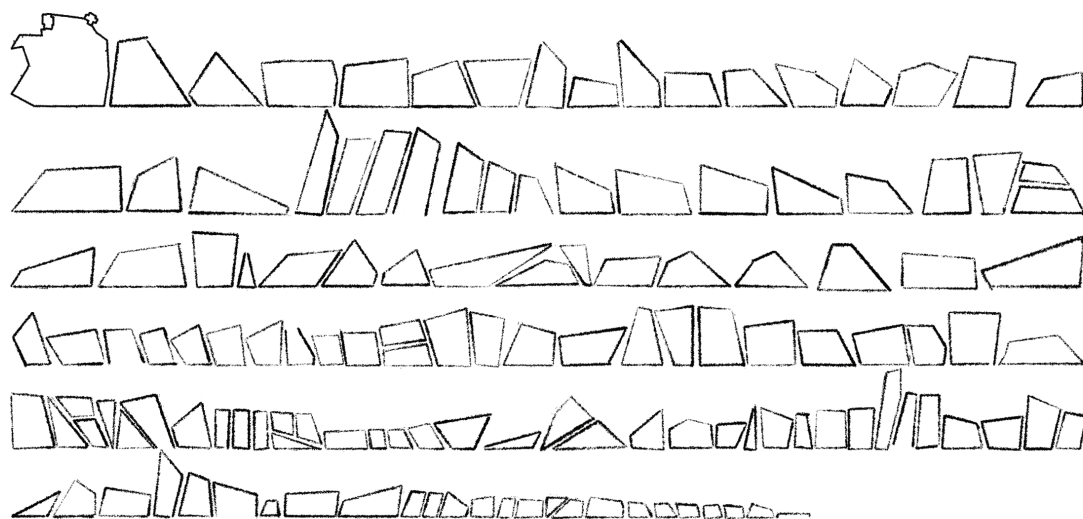
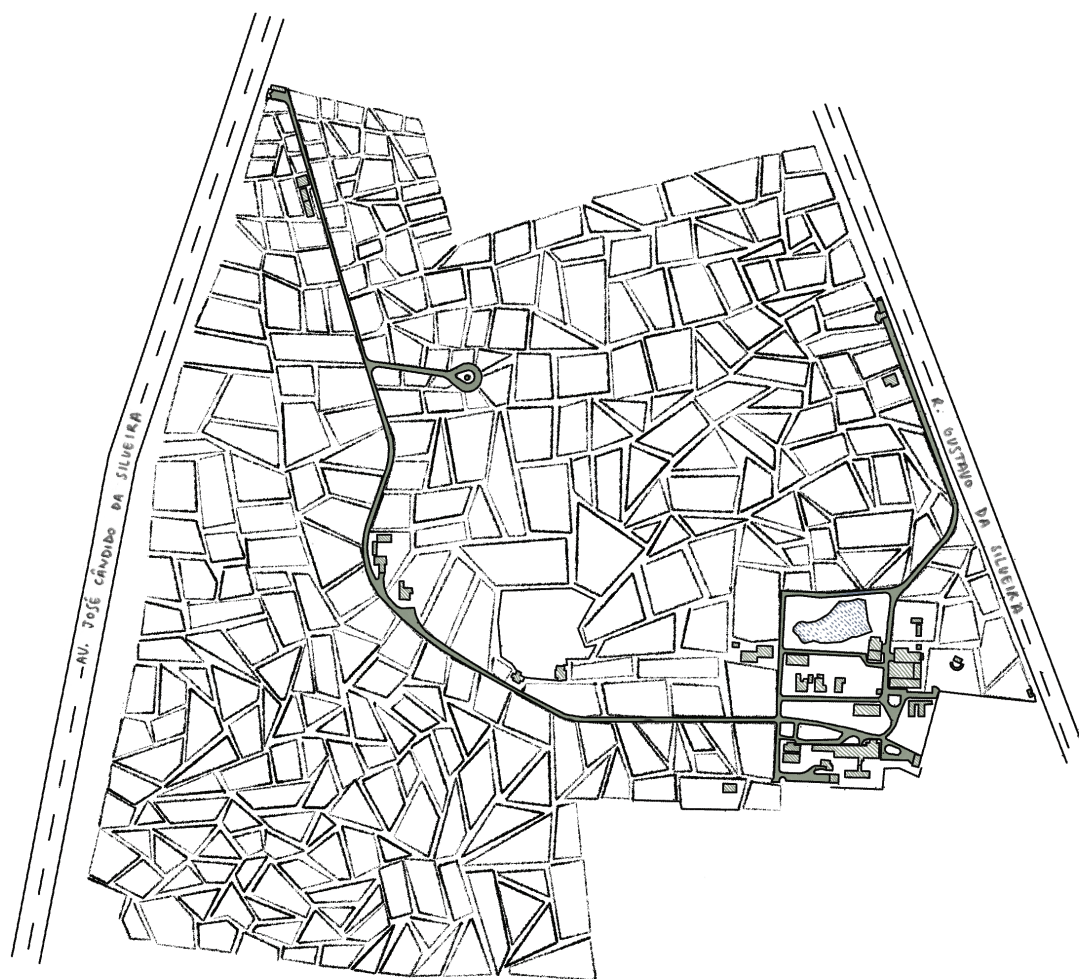




CADERNO DA PAISAGEM

UMA ROTA PELAS MEMÓRIAS DO MUSEU DE HISTÓRIA
NATURAL E JARDIM BOTÂNICO DA UFMG

AGRADECIMENTOS

GOSTARÍAMOS DE AGRADECER A TODAS AS PESSOAS QUE TORNARAM POSSÍVEL O PROJETO "TERRA INCÓGNITA DO MHNJB", COMPARTILHANDO CONOSCO SUAS LEMBRANÇAS SOBRE O MUSEU DE HISTÓRIA NATURAL E JARDIM BOTÂNICO DA UFMG.

À EQUIPE DE ESTUDANTES BOLSISTAS DO PROJETO: SOFIA MARSICANO, MARIA JULIA CASTRO MORAIS, SABRINE RAFAELLA OLIVEIRA, WILLEN COUTINHO BISPO, HENRIQUE FONSECA MUNDIM, MARIANA LIMA AMADOR SANTOS, JÚLIA DA MATA RESENDE.

AOS COLEGAS DO MHNJB, TÉCNICOS, PROFESSORES, PESQUISADORES, ESTUDANTES BOLSISTAS QUE CONVERSARAM CONOSCO.

AOS MORADORES DO BECO, COMUNIDADE VIZINHA AO MUSEU, PELA ABERTURA E DISPOSIÇÃO EM COMPARTILHAR LEMBRANÇAS AFETIVAS QUE NOS MOSTRARAM A PAISAGEM LÚDICA DA MATA.

À PROEX/UFMG PELO APOIO À PRODUÇÃO DO MATERIAL ATRAVÉS DO EDITAL PROEX NO 05/2023 DE FOMENTO A PRODUTOS EXTENSIONISTAS.

MARIANA LACERDA E CARLOS FALCI



AS PAISAGENS QUE CONTEMPLAMOS
SÃO AS MEMÓRIAS QUE GUARDAMOS.

JOHN RUSKIN

AQUI COMEÇA A SUA JORNADA

APRESENTAÇÃO DO CADERNO DA PAISAGEM	04
PONTOS DE PARADA	04
01 CHEGANDO: UM MUSEU SEM CARA DE MUSEU	09
02 AS MATAS	16
03 A LAGOA E O BAMBUZAL	18
04 O UMBUZEIRO DA CANTINA	21
05 A BARRIGUDA	22
06 SOBRE AS TRILHAS DO MUSEU	23
07 A CASA DE CAMPO DO GOVERNADOR	26
08 A CASA DO ZEZINHO	27
09 A CASA DO ÍNDIO	30
10 A CAVALARIA	33
11 O CÉU DO MUSEU	34
MEMÓRIAS DO FOGO	36
O MUSEU E A REGIÃO LESTE DE BELO HORIZONTE	38
COM QUEM CONVERSAMOS	39

ATENÇÃO: VEJA AS DICAS DO PERCURSO NO CANTO SUPERIOR DAS PÁGINAS.

APRESENTAÇÃO DO CADERNO DE PAISAGEM

O CADERNO DA PAISAGEM APRESENTA UM PERCURSO DE VISITAÇÃO.

ESPERAMOS QUE ELE INSPIRE UM OLHAR INTERESSADO PARA UM MUSEU CONSTRUÍDO TAMBÉM PELAS NOSSAS MEMÓRIAS.

COMO USAR O CADERNO DA PAISAGEM

O CADERNO DA PAISAGEM APRESENTA UMA COMPILAÇÃO DE DEPOIMENTOS ORGANIZADOS NA FORMA DE TEXTOS E DE ILUSTRAÇÕES E UM MAPA.

OS ITENS NUMERADOS NO CADERNO ESTÃO LOCALIZADOS NO MAPA (NO FINAL DO CADERNO) E SINALIZADOS AO LONGO DO PERCURSO. FIQUE ATENTO ÀS PLACAS COM ESSA NUMERAÇÃO, SÃO LUGARES SUGERIDOS PARA VOCÊ PARAR, APRECIAR A VISTA E LER O TEXTO.

O CAMINHO PASSA POR TRILHAS DE TERRA, COM ACLIVES E DECLIVES, E POR RUAS IRREGULARES, CALÇADAS COM PÉS DE MOLEQUE. O TRAÇADO É LINEAR, VOCÊ PODE SEGUIR A SEQUÊNCIA NUMÉRICA SUGERIDA NO MAPA OU IR DIRETO A UM PONTO DE SEU INTERESSE. A PARTIR DA CASA DO GOVERNADOR, VOCÊ ESTARÁ FORA DA ÁREA DE VISITAÇÃO. AO CHEGAR AO FINAL, VOCÊ PRECISA VOLTAR PELO CAMINHO DE ONDE VEIO.

O PERCURSO COMEÇA NA PORTARIA 1, NA RUA GUSTAVO DA SILVEIRA, E TERMINA NA CÚPULA DO OBSERVATÓRIO ASTRONÔMICO.

SÃO 11 PONTOS DE PARADA. VOCÊ ESCOLHE FAZER UMA IMERSÃO COMPLETA, CASO ESTEJA DISPONÍVEL, OU VIVENCIAR PARTES DO PERCURSO EM MOMENTOS DIFERENTES.

PERCURSO DE IDA: 1,3 KM

PERCURSO TOTAL: 2,6KM

TEMPO MÉDIO DO PERCURSO: 3 HORAS

ATENÇÃO: O PERCURSO NÃO PASSA PELAS EXPOSIÇÕES.

PARA QUEM É ESTE MATERIAL: ESTE MATERIAL FOI PENSADO PARA O PÚBLICO NÃO ESCOLAR, DE TODAS AS IDADES, QUE VISITA O MUSEU DE FORMA AUTÔNOMA, SE INTERESSA POR HISTÓRIAS E GOSTA DE CAMINHAR.

COMO ACESSAR ESTE MATERIAL: O CADERNO ESTÁ DISPONÍVEL NO FORMATO IMPRESSO, NA PORTARIA DO MUSEU, E EM FORMATO DIGITAL, NO SITE DO MUSEU.

WWW.UFMG.BR/MHNJB

ATENÇÃO: DEVOLVA O CADERNO NA PORTARIA DO MUSEU NO FINAL DA VISITA.

COMO FOI FEITO ESSE CADERNO

A PESQUISA: INVESTIGAMOS COMO AS PESSOAS TOMAM CONSCIÊNCIA DA PRESENÇA DO MUSEU EM SUAS VIDAS. AO LONGO DE 2020 CONVERSAMOS COM TÉCNICOS, PESQUISADORES E ESTUDANTES DA UFMG, VIZINHOS E VISITANTES QUE FREQUENTAM O MUSEU OU QUE CONVIVERAM COM ELE EM ALGUM MOMENTO DE SUAS VIDAS.

MAPEANDO MEMÓRIAS: REGISTRAMOS DEPOIMENTOS SOBRE A MATA, AS TRILHAS, AS ÁRVORES, AS EDIFICAÇÕES, AS COLEÇÕES, AS EXPOSIÇÕES E TAMBÉM SOBRE CHEIROS, SONS, SENSAÇÕES. PERCEBEMOS UM CONJUNTO DE NARRATIVAS QUE SE ENTRECRUZAM E MOSTRAM COMO O MUSEU SE FAZ PRESENTE NA CIDADE DE BELO HORIZONTE E NO COTIDIANO DAS PESSOAS.

OS TEXTOS FORAM CONSTRUÍDOS PARA EXPLICITAR O CARÁTER DE LEMBRANÇA E ESQUECIMENTO QUE PERMEIA A MEMÓRIA. OPTAMOS POR REPRODUZIR FRAGMENTOS DOS DEPOIMENTOS QUE PERMITEM AO LEITOR IR, AOS POUCOS, VIVENCIANDO AS VÁRIAS CAMADAS INCÓGNITAS DO MUSEU.

COM QUEM CONVERSAMOS: AO FINAL DESTES CADERNO VOCÊ PODE CONHECER AS PESSOAS COM QUEM CONVERSAMOS.

CONCEITOS QUE NOS INSPIRARAM

TERRA INCÓGNITA: ESSA EXPRESSÃO LATINA FOI USADA PELOS CARTÓGRAFOS MEDIEVAIS PARA SE REFERIR A TERRITÓRIOS DESCONHECIDOS, SOBRE OS QUAIS SE SUPUNHA APENAS A EXISTÊNCIA. UTILIZAMOS ESSA EXPRESSÃO NO SENTIDO METAFÓRICO, PARA NOS REFERIR À DESCOBERTA DE UMA DIMENSÃO AINDA POUCO CONHECIDA DESSE ESPAÇO, A DIMENSÃO VIVIDA.

AS PAISAGENS SÃO MUITAS PORQUE CADA PESSOA TEM UMA FORMA DE EXPERIMENTAR O MUNDO. QUANDO FALAMOS DE MUNDO RARAMENTE NOS DAMOS CONTA QUE ELE É PARTE FUNDAMENTAL DA VIDA. VIVEMOS NESSE ESPAÇO CIRCUNDANTE DE FORMA TÃO ÓBVIA QUE ELE NÃO NOS CHAMA A ATENÇÃO, SEQUER REFLETIMOS A SEU RESPEITO. TOMAR CONSCIÊNCIA DO ESPAÇO-MUNDO, E DA NOSSA INTERAÇÃO COM ELE, SIGNIFICA TOMAR CONSCIÊNCIA DA PAISAGEM.

MEMÓRIA: QUANDO ENTRAMOS EM CONTATO COM AS MEMÓRIAS DE OUTRAS PESSOAS NOS DEPARAMOS COM OUTRAS FORMAS DE VER O MUNDO. OLHAR PARA AS NOSSAS PRÓPRIAS MEMÓRIAS TAMBÉM NOS PERMITE VER UM MUNDO DIFERENTE DO QUE AQUELE QUE A GENTE VIA ANTES.

A MEMÓRIA NUNCA ESTÁ PRONTA E ACABADA. ASSIM, O QUE ESTÁ À NOSSA VOLTA ESTÁ EM CONSTANTE TRANSFORMAÇÃO PELA MANEIRA COMO OLHAMOS E LEMBRAMOS.

PAISAGEM E MEMÓRIA SÃO CONCEITOS COMPLEMENTARES. É ATRAVÉS DA PAISAGEM QUE A MEMÓRIA PRODUZ LUGARES. QUAIS SÃO OS LUGARES DE MEMÓRIA NO MUSEU? QUE AFETOS, QUE EMOÇÕES, QUE LEMBRANÇAS FUNDAM ESTES LUGARES? COMO ELES SE APRESENTAM NA PAISAGEM? COMO PODEMOS PERCEBÊ-LOS?

01. CHEGANDO: UM MUSEU
SEM CARA DE MUSEU

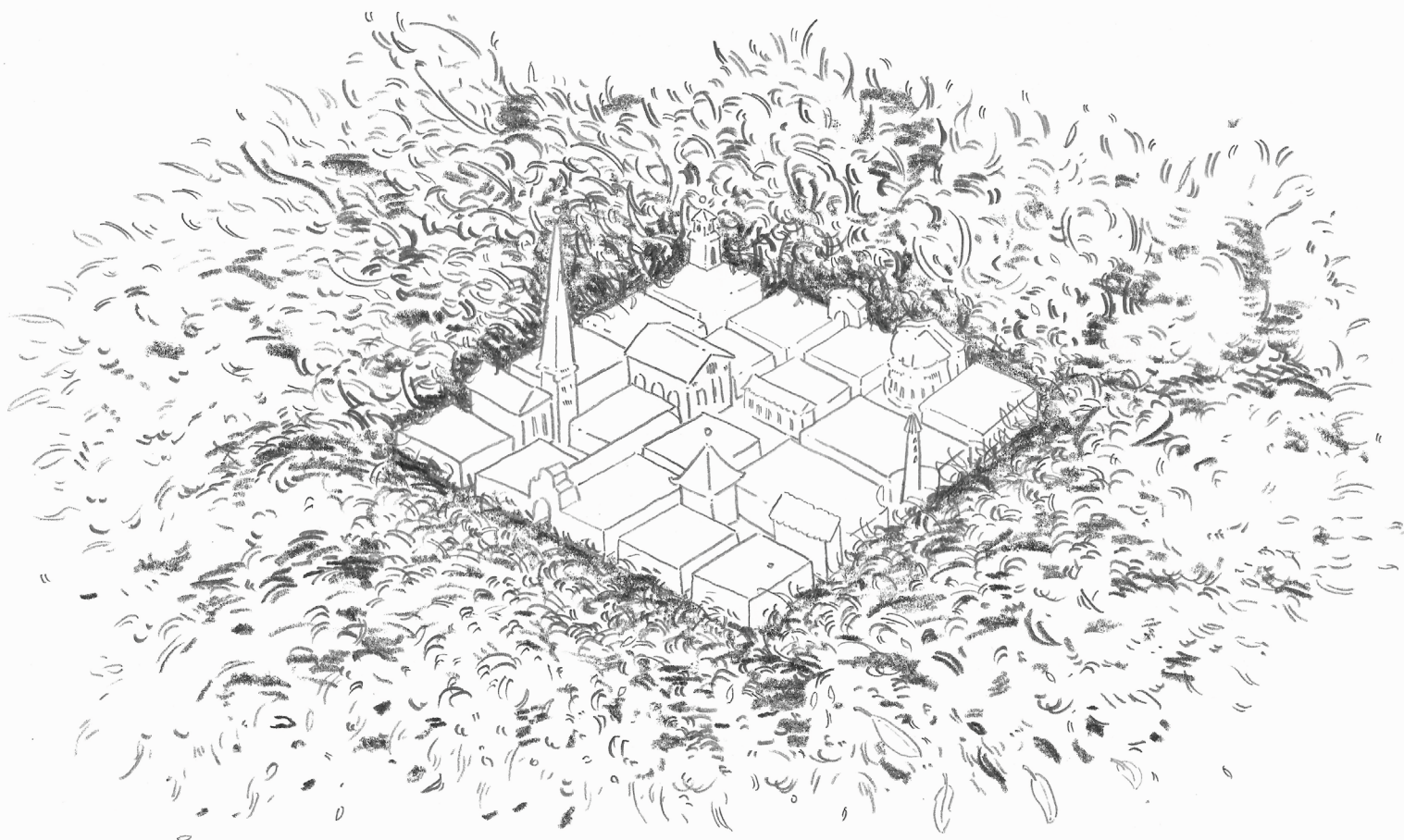


O MUSEU NÃO TEM CARA DE MUSEU, VOCÊ NÃO VAI FICAR DENTRO DE UM PRÉDIO, AQUI VOCÊ VAI MERGULHAR DENTRO DA MATA E DESCOBRIR PEQUENOS MISTÉRIOS, PEQUENOS CANTOS, PEQUENOS ESPAÇOS. É UM ESPAÇO MUITO DIFERENTE, VOCÊ NÃO VAI ENCONTRAR NADA PARECIDO COM ISSO EM BELO HORIZONTE.

UMA ÁREA VERDE MARAVILHOSA, UMA LAGOA DENTRO. VOCÊ PODE CHEGAR, DESCANSAR, SENTAR NA BEIRA DA LAGOA, VIAJAR COM A NATUREZA.

UMA PEQUENA COMUNIDADE CIENTÍFICA, UM ESPAÇO DE APRENDIZAGEM E UM ESPAÇO DE LAZER INTEGRADO À NATUREZA. PARA CONHECER O MUSEU MESMO É PRECISO CONHECER AS PESQUISAS QUE SÃO REALIZADAS AQUI. O MUSEU É UM ESPAÇO IMPORTANTE DE PESQUISA DA UFMG, COM VÁRIOS LABORATÓRIOS.

O MUSEU TEM MATA, TEM BICHO, É UMA ILHA VERDE NO ESPAÇO DURO E AGRESSIVO DA CIDADE, UMA FLORESTA URBANA COM ÁRVORES GIGANTESCAS. NÃO TEM COMO PENSAR NO MUSEU, FECHAR OS OLHOS E NÃO VER A MATA.



O MUSEU CARREGA VESTÍGIOS DO PROCESSO DE URBANIZAÇÃO DA CIDADE: UM PEDAÇO DA MATA ATLÂNTICA E ALGUNS VESTÍGIOS DE CULTIVOS DA ANTIGA FAZENDA BOA VISTA.

"EM 1912, A ÁREA ERA HORTO FLORESTAL, DEPOIS UM INSTITUTO AGROPECUÁRIO [ESTAÇÃO EXPERIMENTAL DE AGRICULTURA] E, POR FIM, O INSTITUTO AGRÔNOMICO. SEMPRE FOI UM ESPAÇO DE EXPERIMENTAÇÃO DE SILVICULTURA, DE PRODUÇÃO DE MUDAS. A ÁREA DO MUSEU SE PRESTOU MUITO PARA ISSO HISTORICAMENTE".



EMANUEL, QUE TRABALHOU MUITOS ANOS NO PIPIRIPAU, CONTA QUE QUANDO ERA CRIANÇA, NA ÉPOCA DO INSTITUTO AGRONÔMICO, A ÁREA ERA COMO UM BAIRRO: TINHA AÇOUGUE, OFICINA MECÂNICA E ARMAZÉM PARA USO DOS FUNCIONÁRIOS DO ESTADO. ERA DIFÍCIL IR PARA O CENTRO DE BH.

"ONDE FICA O PRESÉPIO ERA OFICINA MECÂNICA PRA CONSERTAR OS CARROS DO ESTADO. ONDE TEM A EXPOSIÇÃO DA PALEONTOLOGIA ERA UM AÇOUGUE E UM ARMAZÉM, ONDE A GENTE FAZIA COMPRA E GANHAVA OS TICKETS". O SENHOR EMANUEL GONÇALVES ERA ELETRICISTA E CUIDAVA DO PRESÉPIO DO PIPIRIPAU COMO AJUDANTE DO SR RAIMUNDO MACHADO, QUE ERA COMO UM PAI PRA ELE. ELE NASCEU EM UMA DESSAS CASAS DENTRO DO MUSEU. SEU PAI, SR NIQUINHO, ERA SERVIDOR DO ESTADO E MOROU ALI 35 ANOS.

NA DÉCADA DE 70 A MATA DO MUSEU ERA BEM MAIOR E SE JUNTAVA A UMA MATA DO OUTRO LADO DA AV. JOSÉ CÂNDIDO, ONDE HOJE FICA O PARQUE DA MATINHA. EM 1968, COM A REFORMA UNIVERSITÁRIA, VEIO A CRIAÇÃO DO MUSEU, INICIATIVA DE UM GRUPO QUE INTEGRAVA, DESDE A DÉCADA DE 40, A SOCIEDADE MINEIRA DE NATURALISTAS. EXISTIAM VÁRIOS FRAGMENTOS FLORESTAIS ALI E UMA PARTE CONHECIDA COMO 'MATINHA DO ESTADO' FOI ANEXADA À UFMG E ENTÃO SE FORMOU O QUE HOJE CHAMAMOS DE MUSEU DE HISTÓRIA NATURAL E JARDIM BOTÂNICO DA UFMG.

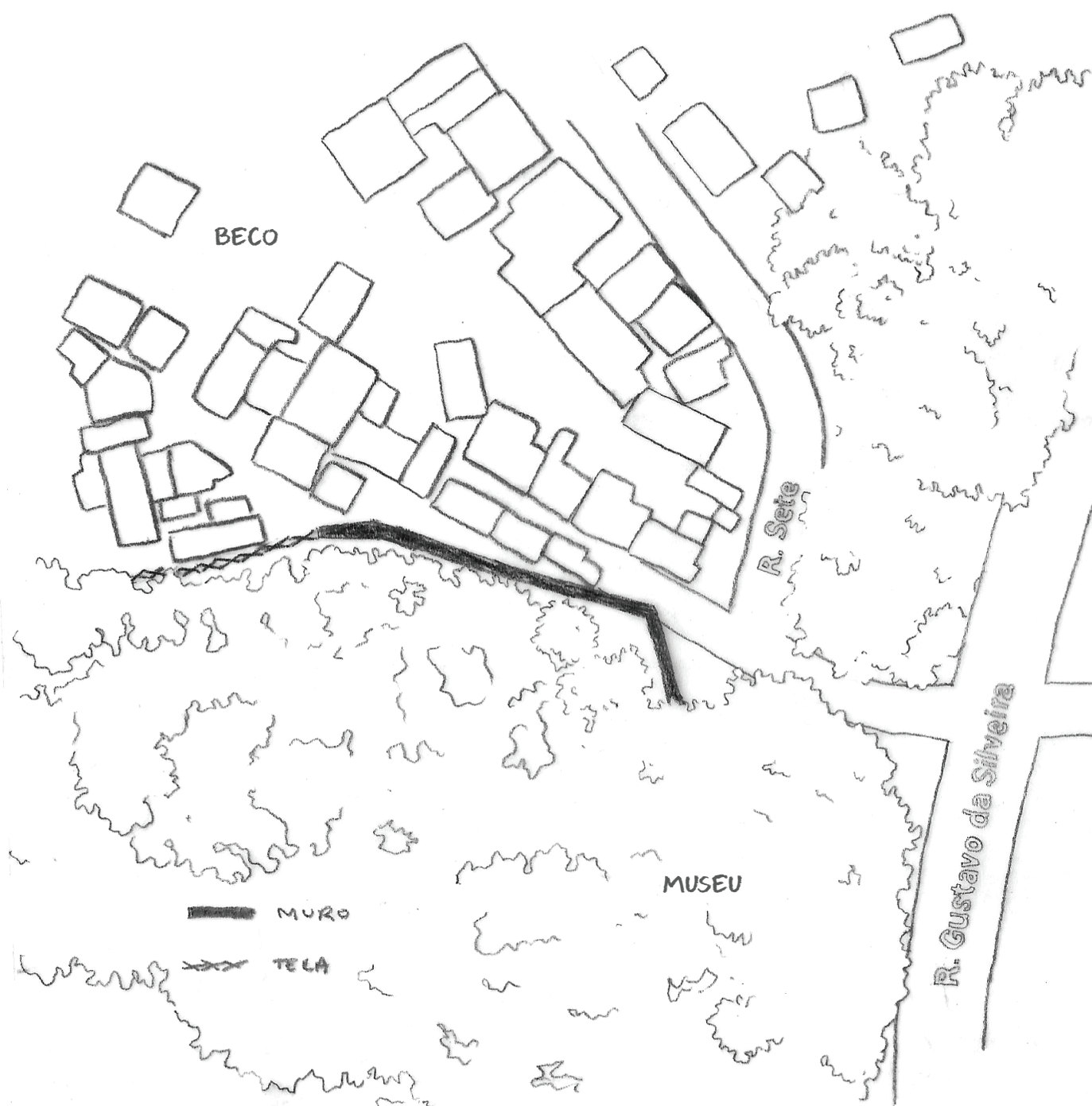
NA VISÃO DOS VIZINHOS, NO INÍCIO, A ÁREA NÃO ERA CONHECIDA COMO UM MUSEU FORMAL, COMO HOJE SE CONHECE. "SABÍAMOS QUE TINHA ALGUMAS CONSTRUÇÕES COM ALGUMAS COISAS ANTIGAS, A GENTE CHEGAVA, ANDAVA ALI DENTRO, MAS O PRIMEIRO CONTATO FOI MUITO FRÁGIL. ESSE CONTATO GANHOU FORÇA COM A CHEGADA DO PIPIRIPAU, EU PRESUMO QUE NA METADE DA DÉCADA DE 80... LOGO QUE CHEGA, O PIPIRIPAU PASSA A SER O MOTIVO DA VISITA."

TUDO ISSO VAI SE JUNTANDO NESSA
HISTÓRIA DE BELO HORIZONTE QUE
SE CONFUNDE COM A HISTÓRIA DO
MUSEU.



O BECO: UMA HERANÇA DO INSTITUTO

LUIZ CARLOS, TÉCNICO APOSENTADO DO MUSEU, LEMBRA QUE QUANDO O INSTITUTO AGRÔNOMICO FECHOU E A ÁREA PASSOU PARA A UFMG, TODO MUNDO QUE MORAVA ALI DENTRO FOI RETIRADO DO LOCAL. "PARECE QUE CEDERAM A ÁREA DO BECO PARA ELES CONSTRUÍREM AS CASAS".



OS MORADORES CONTAM QUE O BECO SURTIU COM OS FUNCIONÁRIOS DA ANTIGA SECRETARIA DE AGRICULTURA, QUANDO O ESPAÇO AINDA ERA O INSTITUTO AGRÔNOMICO. SEU MANOEL CONTA QUE CONSTRUIU SEU BARRACO ALI EM 1986, QUANDO FAZIA SERVIÇOS PARA O CLUBE DA FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO, VIZINHO DO MUSEU. ELE CONTA QUE ERA TUDO UMA MATA SÓ, MAS PEGOU CORAGEM E, DE FOICE NA MÃO, ABRIU MATO, CHAMOU O GENRO E FIZERAM DOIS BARRACÕES QUANDO NÃO TINHA NADA NESSA ÁREA.

"QUANDO A GENTE CHEGOU SÓ TINHA DUAS FAMÍLIAS. HOJE O BECO TEM DUAS VIELAS E ALGUMAS CASAS VIRADAS PARA A RUA SETE.

"O PESSOAL CHAMAVA AQUI DE COCHEIRA, COISA DE MUITOS ANOS ATRÁS." OUTRO MORADOR DO BECO TAMBÉM DÁ NOTÍCIA DESSE NOME: "ESSA ÁREA ONDE É O BECO ERA CHAMADA DE COCHEIRA, PORQUE CAVALOS ERAM CRIADOS ALI."

SEU MANOEL CONTA QUE ALGUNS QUERIAM DAR O NOME DE FRANCISCO DE ASSIS, OUTROS QUERIAM VILA VILMA, MAS TANTO ELE COMO OS MORADORES NÃO USAM NENHUM DESSES DOIS NOMES. ALI É O BECO.

UM SERVIDOR DO MUSEU CONTA QUE DURANTE MUITO TEMPO NÃO HAVIA CERCA:

"A MATA ERA PRATICAMENTE O QUINTAL DELES. IAM BRINCAR, SOLTAVAM AS GALINHAS E OS CACHORROS, ERA ASSIM."



02. AS MATAS

HÁ PELO MENOS TRÊS GRANDES ÁREAS DE MATA, TODAS GUARDAM RELAÇÃO COM O PASSADO:

01: A MATA NATURAL, FORMADA PELO QUE SOBROU DA ANTIGA FAZENDA BOA VISTA, ERA FORMADA POR JACARANDÁS E COPAÍBAS, AINDA HOJE ENCONTRADAS NO MUSEU, ATRÁS DA PORTARIA 1. É A PORÇÃO DE MATA ATLÂNTICA EM ESTÁGIO MAIS AVANÇADO DE REGENERAÇÃO DENTRO DO MUSEU, A VEGETAÇÃO É MUITO FECHADA;

02: A MATA PROJETADA, CULTIVADA NOS ANOS 50, POR UM GRUPO LIDERADO PELO ENGENHEIRO AGRÔNOMO E PROFESSOR CAMILO DE ASSIS FONSECA FILHO.

03: A MATA DO JACARÉ, NA PORÇÃO SUL, PRÓXIMO AO VIVEIRO DE MUDAS, INDO EM DIREÇÃO À PORTARIA 3, NA AV. JOSÉ CÂNDIDO. AS ÁRVORES DE PAU JACARÉ FORAM PLANTADAS COM O OBJETIVO DE FORNECER MADEIRA PARA O FOGÃO A LENHA DA COZINHA DO INSTITUTO AGRÔNOMICO.

ALÉM DA MATA, EXISTE UMA ÁREA DE PAISAGISMO NO ESPAÇO EXPOSITIVO DO MUSEU, COM PLANTAS ORNAMENTAIS QUE INTEGRAM O ACERVO DO JARDIM BOTÂNICO.



SOBRE A MATA PROJETADA

PARTE DA MATA FOI PROJETADA POR UM AGRÔNOMO CHAMADO DR CAMILO. ELE ATUAVA NO MUSEU NOS ANOS 90, ERA UMA FIGURA DE REFERÊNCIA. PLANTOU MUITAS ÁRVORES QUE EXISTEM AQUI E CONTAVA HISTÓRIAS SOBRE ELAS E SOBRE O GRAMADO DO MINEIRÃO, QUE ELE CUIDOU DURANTE MUITOS ANOS.

A PARTE SUL DO MUSEU TEM UM QUADRICULADO HERDADO DA ÉPOCA DO INSTITUTO AGRÔNOMICO. OS ACESSOS LARGOS ERAM PROVAVELMENTE USADOS POR MAQUINÁRIO PARA EXTRAIR A MADEIRA QUE ERA PLANTADA.

SOBRE A MATA DO JACARÉ

EMANUEL GONÇALVES, FUNCIONÁRIO DO ANTIGO INSTITUTO AGRÔNOMICO, CONTA SOBRE A MATA DO JACARÉ:

"A MATA DO JACARÉ FOI PLANTADA JUSTAMENTE PORQUE A GENTE COZINHAVA NO FOGÃO DE LENHA. A MATA FOI PLANTADA MESMO PARA CORTE, PORQUE TODO MUNDO COZINHAVA NO FOGÃO DE LENHA. O ESTADO PLANTOU A MATA DO JACARÉ, PRA NÃO FICAR CORTANDO ÁRVORE DO MATO."



03. A LAGOA E O BAMBUZAL

"EXISTIA UM FILETE DE ÁGUA ATÉ BEM RAZOÁVEL, QUE CAÍA ATRÁS DO BAMBUZAL E DALI IA EMBORA... ERA UM CÓRREGO, REPRESADO NA ÉPOCA DO INSTITUTO AGRONÔMICO, NA DÉCADA DE 50. COMO SOU GEÓLOGO, POSSO DIZER QUE AQUILO FOI UM ATERRO! ENTÃO, EU PROPUS FAZER UM LAGO AO LADO DO PRESÉPIO, PRA CRIAR UM ESPELHO D'ÁGUA, PRA DAR UM CONTORNO, ASSIM... ISSO FOI NA DÉCADA DE 80."

"A NASCENTE QUE ALIMENTA A LAGOA É UMA NASCENTE DIFUSA, NÃO TEM AQUELE OLHO D'ÁGUA TÍPICO. NA ÉPOCA DO INVERNO A NASCENTE FICA QUASE SECA E, EM ÉPOCA DE CHUVA, ALI VIRA UMA ÁREA DE BREJO."



"TEM UMA PLANTA NA BEIRA DO LAGO, UMA PLANTA INVASORA, QUE É MUITO PERFUMADA: O LÍRIO DO BREJO. MAS É UMA PLANTA INTRODUZIDA, NÃO É UM CHEIRO AUTÓCTONE (DO LOCAL). ELA TEM UM PERFUME MUITO FORTE, É COMO UMA DAMA DA NOITE."

"O MUSEU GANHOU UM GRANDE JACARÉ EMBALSAMADO. NO MEIO DA LAGOA TINHA UMA ILHA E ESSE JACARÉ FICOU LÁ MUITOS ANOS... MUITO TEMPO... ATÉ ELE SE DISSOLVER... SE ACABAR. ERA UM JACARÉ GRANDÃO, BEM BACANA. NO MEIO DA LAGOA TINHA TAMBÉM A MÃE D'ÁGUA."

NA DÉCADA DE 90 O ARTISTA JARBAS JUAREZ CRIOU UMA SÉRIE DE ESCULTURAS DE ENTIDADES DO FOLCLORE BRASILEIRO PARA O MHNJB: O ÍNDIO CURUPIRA FICAVA ENTRE AS ÁRVORES, A MÃE D'ÁGUA FICAVA NA LAGOA E O SACI PERERÊ FICAVA NO ANFITEATRO DA MATA.

"EU GOSTAVA DEMAIS DE IR À LAGOA. FOI ONDE LEVEI MINHA ESPOSA PELA PRIMEIRA VEZ. ÍAMOS NAMORAR LÁ NO MUSEU, PERTO DO BAMBUZAL. A LAGOA PARECIA ENORME, HOJE NEM TANTO. ERA PRA MIM A COISA MAIS LINDA QUE TINHA... VER AQUELA LAGOA ABERTA. LEMBRO DO CHEIRO DE MATO E DE PEIXE. TINHA UNS PEIXINHOS PEQUENOS LÁ. NA ÉPOCA PODIA E A GENTE PESCAVA. NEM LEVAVA PRA CASA, SÓ PESCAVA POR PRAZER E SOLTAVA LÁ MESMO. NAQUELE BAMBUZAL TINHA UM CÓRREGO QUE FAZIA UM SOM GOSTOSO DE ÁGUA. O MEU LUGAR FAVORITO ERA LÁ."



"A LAGOA ME ATRAI MUITO, O BAMBUZAL ME ATRAI MUITO. O BAMBUZAL PRA NÓS, DA ARQUEOLOGIA HISTÓRICA, É IMPORTANTE PORQUE QUANDO ESTAMOS FAZENDO PROSPECÇÃO EM UM AMBIENTE NATURAL, ENCONTRAR UM BAMBUZAL É SINAL DE INTERFERÊNCIA HUMANA. O BAMBU É UMA PLANTA EXÓTICA."

04. O UMBUZEIRO DA CANTINA

"EU GOSTO MUITO DE FICAR EMBAIXO DAQUELE UMBU, AQUELA ÁRVORE QUE TEM DO LADO DA CANTINA. É UMA COISA ATÁVICA PORQUE ESSA PLANTA OCORRE LÁ NO RIO GRANDE DO SUL, A MINHA TERRA. ESSA ÁRVORE TEM UMAS RAÍZES ENORMES, É ALGO QUE **EXTRAPOLA A NORMALIDADE**, MAS ESSA É A NORMALIDADE DAQUELA ESPÉCIE, NO AMBIENTE DELA."



"LÁ NO SUL ELES FALAM QUE NÃO É BOM SENTAR EMBAIXO DO UMBUZEIRO PORQUE ATRAI RAIOS. SE ESTIVER ISOLADA, ATRAI RAIOS, VOCÊ PODE LEVAR UMA CHAMUSCADA, MAS NO MUSEU É TRANQUÍLO."

"UMBUEIRO É UMA ESPÉCIE DIÓICA, QUE TEM PLANTA MACHO E FÊMEA. NO MUSEU, AO QUE PARECE, SÓ TEM A PLANTA MACHO, NÃO HÁ OUTRO INDIVÍDUO DESSA ESPÉCIE LÁ."

05. A BARRIGUDA

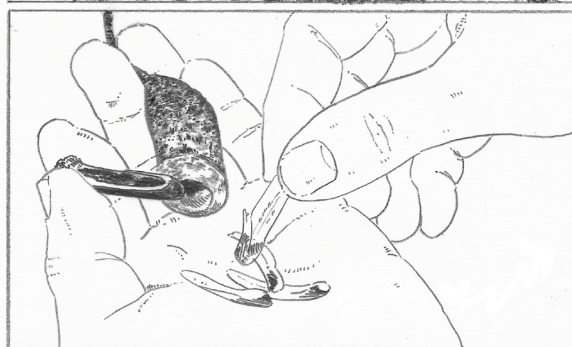
"NO MUSEU TEM MUITAS BARRIGUDAS. ELAS TÊM ESSE NOME PORQUE TEM UM PÉ FININHO, MAS DEPOIS O TRONCO ENGROSSA ENGROSSA, ENGROSSA MUITO. O TRONCO DELA FICA MUITO GRANDE, NO FORMATO DE UMA BARRIGA."

"A BARRIGUDA, CÊ ESCUTA DENTRO DELA ASSIM. PARECE QUE TÁ COM ÁGUA, ALGUMA COISA, SABE? QUANDO VOCÊ BATE NO TRONCO E ENCOSTA O OUVIDO, DÁ PRA ESCUTAR UMA ESPÉCIE DE ECO LÁ DENTRO."

06. SOBRE AS TRILHAS DO MUSEU

"QUANDO O FRUTO DO JEQUITIBÁ SOLTA AS SEMENTES, A GENTE SOPRA ELE, PRODUZINDO UM SOM."

FERNANDO BARBOSA, EX MONITOR DO MUSEU, CONTA DA BRINCADEIRA QUE FAZIA COM GRUPOS DE PESSOAS NAS TRILHAS: CHAMAR O CURUPIRA. EU SOPRAVA O FRUTO E DIZIA: 'AH... SERÁ QUE O CURUPIRA VAI APARECER...?'. FICAVA AQUELE SILÊNCIO ABSOLUTO. UM MONITOR ESCONDIDO NA MATA SOPRAVA O FRUTO, RESPONDENDO. ENTÃO, OUVIA-SE O SOM VINDO DA MATA E AS PESSOAS, DE QUALQUER IDADE, SE SURPREENDIAM: 'APARECEU MESMO!!!'. ERA BEM LEGAL FAZER ISSO. É UMA MEMÓRIA QUE EU TENHO DO TEMPO EM QUE TRABALHEI NO MUSEU."



AO LONGO DOS ANOS VÁRIAS TRILHAS FORAM ABERTAS, ALGUMAS AINDA SÃO USADAS PELA EQUIPE DO EDUCATIVO DO MUSEU.

TRILHAS EM USO:

TRILHA DO MACACO PREGO, DA SAPUCAIA, DO TROCO CAÍDO, DA CORTICEIRA, DA CARATINGA.

TRILHAS POUCO USADAS:

TRILHA DO COTÓ, DO ABACAXI, DAS BORBOLETAS, DAS CUTIAS, DO TEIU, DO MICO-ESTRELA, DOS EUCALIPTOS, DO GAMBA, DO TUCANO.

VOCÊ PODE VER O ACESSO A ALGUMAS DELAS AO LONGO DESTA RUA.

ATENÇÃO: NÃO ENTRE NAS TRILHAS. A MATA É EXTENSA E VOCÊ PODE SE PERDER.

EM TODA PASSAGEM NAS TRILHAS OU NAQUELAS RUAS INTERNAS DO MUSEU, UMA CUTIA SEMPRE VINHA VISITAR. ISSO É LEGAL PORQUE MEXE NO IMAGINÁRIO, ISSO PRA MIM É MARCANTE."

"A ESTAÇÃO DAS ARANHAS ME MARCOU PORQUE ELAS FAZEM TEIA PRA TODO LADO. FAZENDO TRILHA, TODA HORA ME ENROLAVA NAQUELAS TEIAS, SAÍA PUXANDO TEIA DE ARANHA PRA TODO LADO, ISSO EU LEMBRO BASTANTE. ENORMES! TEM UMA ÉPOCA DO ANO EM QUE ELAS TOMAM CONTA DAS TRILHAS DA MATA."

"OS JARDINEIROS CHAMAM O CAMINHO QUE VAI DA CASA DO ZEZINHO ATÉ O RESTAURANTE DO PORTO DE **TRILHA DO ABACAXI**. ANTIGAMENTE, TINHA UM POVO QUE COSTUMAVA VENDER ABACAXI BEM NO FINAL DELA. FICOU APELIDADA POR ELES, CARINHOSAMENTE, COM ESSE NOME."

"NO FINAL DA TRILHA [DO ABACAXI], DO LADO ESQUERDO, TEM UMA ÁREA CONSIDERADA UM SÍTIO ARQUEOLÓGICO. PARECE QUE ANTIGAMENTE, LÁ NOS PRIMÓRDIOS DE BELO HORIZONTE, AQUILO FOI USADO COMO LIXÃO E, POSTERIORMENTE, SE TORNOU UM SÍTIO ARQUEOLÓGICO."

"A TRILHA DO JARDIM BOTÂNICO É O ROTEIRO EM QUE SE PASSA MAIS TEMPO DENTRO DA MATA: VOCÊ VISITA A SEMENTEIRA, AS PLANTAS MEDICINAIS, ENCONTRA TODAS ESSAS PLANTAS NO MEIO DA TRILHA."



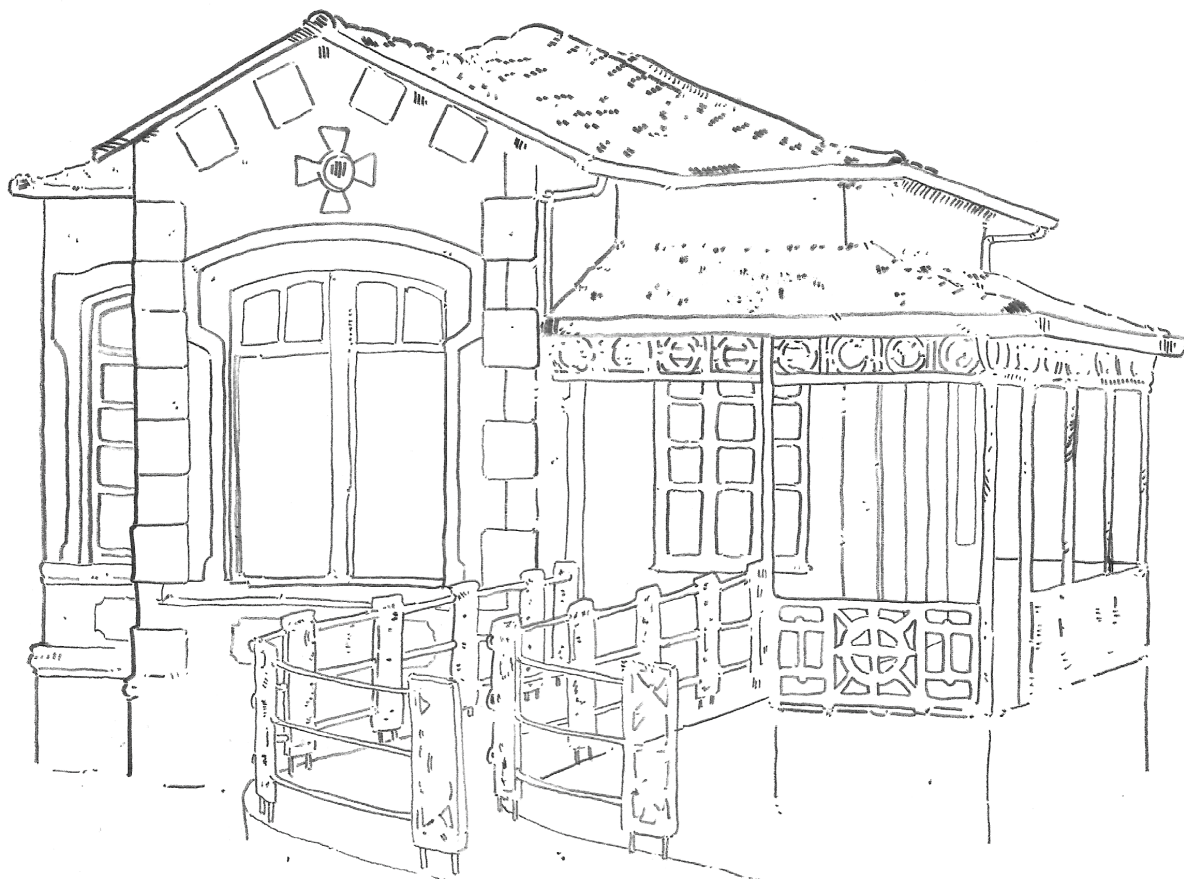
"O MACACO PREGO TEM UM GRITINHO QUE PARECE UM ASSOVIÓ FINO, QUE É UM NEGÓCIO BEM AGUDO. É UM SOM MUITO CARACTERÍSTICO DO MUSEU PRA MIM."

"OS PREGO SÃO COLEGAS ANTIGOS, NÉ? ELES SÃO PERSONAGENS AQUI DO MUSEU. ATÉ UMA CERTA ÉPOCA A GENTE FALAVA QUE NA HIERARQUIA ADMINISTRATIVA DO MUSEU TINHA O DIRETOR, OU A DIRETORA, O LÍDER DO BANDO DOS MACACOS-PREGO, E DEPOIS O RESTO DO PESSOAL."

"PERTO DO OBSERVATÓRIO TEM A TRILHA DO COTÓ. DIZEM QUE ELA TEM ESSE NOME POR CAUSA DE UM MACACO QUE PERDEU O RABO NUMA BRIGA DE BANDO. A TRILHA É POUCO USADA, É UMA DAS MAIS BONITAS EXATAMENTE POR PASSAR POUCAS PESSOAS."

"A GENTE ANDA NAS TRILHAS, OLHA O TAMANHO DAS ÁRVORES, AQUELA ALTURA. EU FICO PENSANDO QUANTO TEMPO QUE TEM UMA ÁRVORE DESSA, HÁ QUANTOS ANOS TÁ AQUI. É MUITO BONITO."

07. A CASA DE CAMPO DO GOVERNADOR



"O PALACINHO É A VISTA QUE MAIS GOSTO NO MUSEU. SUA CONSTRUÇÃO É MUITO ICÔNICA, ACHO A ARQUITETURA DELE MUITO BONITA."

"O PALACINHO FOI CONSTRUÍDO, PROVAVELMENTE, NA DÉCADA DE 20. CHAMA PALACINHO NÃO POR ACASO, ERA A CASA DE CAMPO DO GOVERNADOR. SERVIU COMO LOCAL DE VERANEIO PARA FÉRIAS E FINAIS DE SEMANA DE GOVERNADORES MINEIROS. MUITOS POLÍTICOS REFUGIAVAM-SE NO HORTO FLORESTAL, EM BUSCA DE SOSSEGO E TRANQUILIDADE. NAQUELA ÉPOCA, A MATA NÃO ERA TÃO FECHADA, COM ÁRVORES GRANDES, A LAGOA NÃO EXISTIA. ALI JÁ ERA A SAÍDA DA CIDADE".

"ATRÁS DO PALACINHO, LOGO QUANDO EU COMECEI A TRABALHAR COMO PESQUISADOR NO MUSEU, NA DÉCADA DE 90, EXISTIA UMA HORTA DOS FUNCIONÁRIOS, TINHA DE TUDO O QUE VOCÊ PENSAR. ELES TRABALHAVAM ATÉ ÀS CINCO OU SEIS DA TARDE E DEPOIS IAM PARA ESSA HORTA, PARA PLANTAREM JUNTOS. TODO MUNDO LEVAVA HORTALIÇAS FRESQUINHAS PRA CASA."

08. A CASA DO ZEZINHO

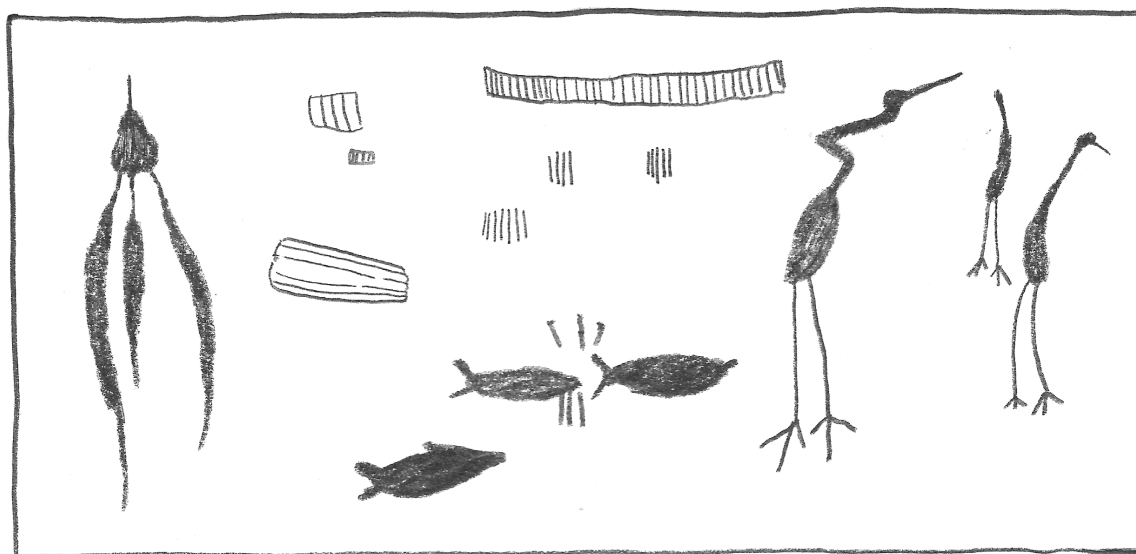
DICAS DO PERCURSO:
A CASA POSSUI UMA
ÁREA EXTERNA
COM BANCOS.

SINTA-SE À VONTADE
PARA CHEGAR
E SE ASSENTAR.

NO PASSADO, AS CASAS DO MUSEU ERAM RESIDÊNCIAS.

"A GENTE MORAVA NUMA DAS CASAS PERTO DO PORTÃO DA JOSÉ CÂNDIDO DA SILVEIRA. UM VIZINHO NOSSO MORAVA NUMA CASA QUE FOI DESMANCHADA E VIROU UM GALPÃO. O ZEZINHO MORAVA NA CASA VIZINHA AO PALACINHO E O ZÉ RIBEIRO MORAVA NA CASA VERDE DA ENTRADA."

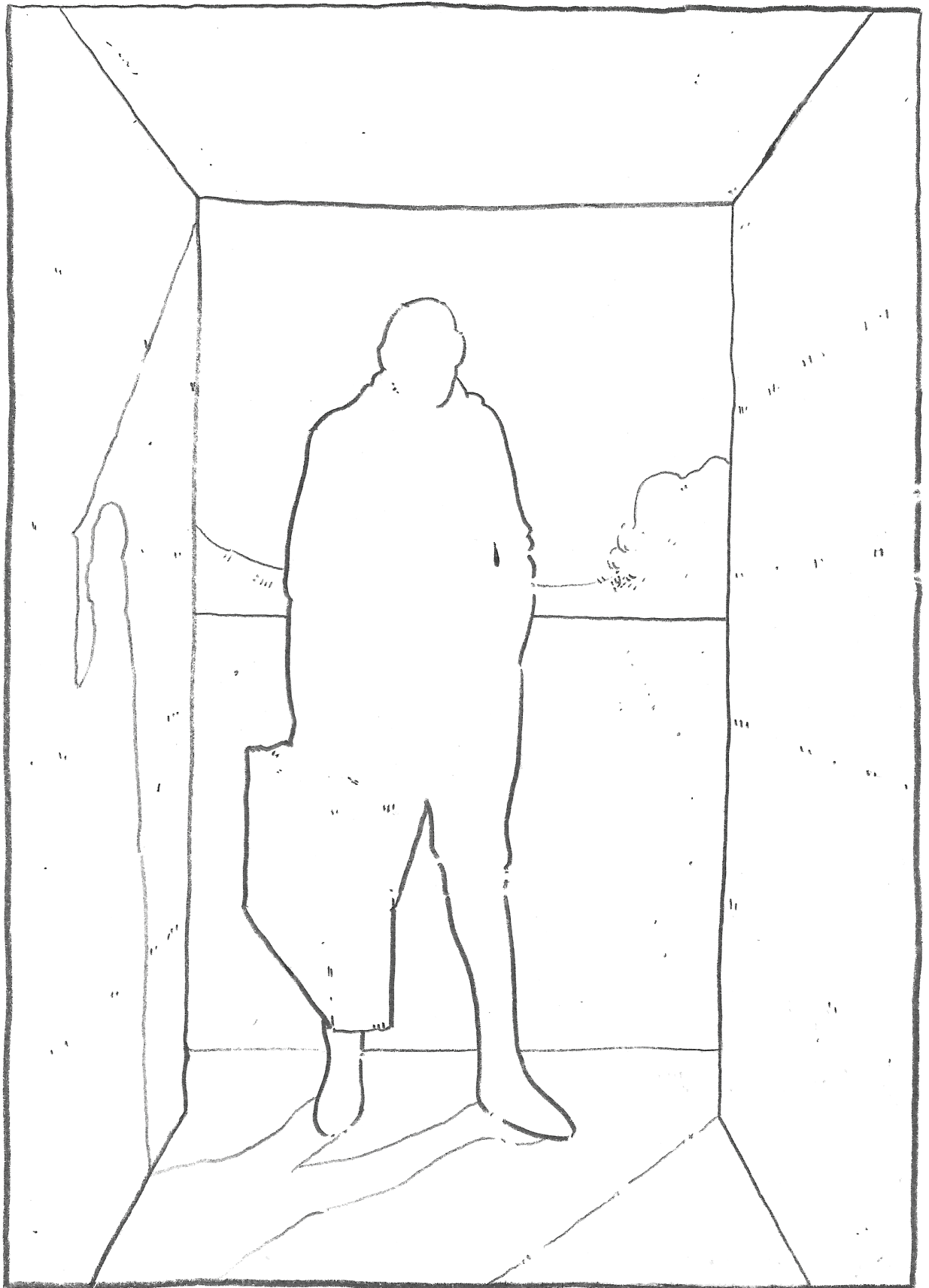
QUANDO O MUSEU FOI CRIADO ESSA CASA PASSOU A SER OCUPADA POR PESQUISADORES DO SETOR DE ARQUEOLOGIA.



"MOROU ALI NAQUELA CASA UM CAMARADA CHAMADO ZEZINHO, LIGADO AO PESSOAL DA ZOOLOGIA DA UNIVERSIDADE; JUNTOS ELES TAXIDERMIZAVAM OS BICHOS. TEVE UM EPISÓDIO CURIOSO: EU TAVA ALI UM DIA NA CASA DO ZEZINHO SOZINHO - NÃO ERA MUITO FREQUENTE ESTAR SOZINHO PORQUE NESSA ÉPOCA TINHA CINCO, SEIS PESSOAS DA EQUIPE DE ARQUEOLOGIA TRABALHANDO ALI SEMPRE, ROGERIO, TOBIAS, VANESSA, LUIZA E O RAFAEL MIRANDA. A GENTE ESTAVA FAZENDO GRADUAÇÃO, MESTRADO, DOUTORADO E USAVA MUITO INTENSAMENTE A CASA; EU ESTAVA SOZINHO E COM AQUELA PORTA DE TRÁS ABERTA. UMAS PESSOAS SE APROXIMARAM DA CASA, ENTÃO EU SAÍ E FUI CONVERSAR COM ELAS.

ERAM UM SENHOR MAIS VELHO E OUTRO CAMARADA MAIS NOVO. O SENHOR FALOU: "AH, EU MOREI NESSA CASA AÍ!" E O MAIS NOVO RESPONDEU: "É, MEU PAI?".

NESSA HORA EU PERGUNTEI: "O SENHOR ENTÃO QUE É O ZEZINHO?"



EU QUASE DEI UM BEIJO NELE PORQUE ZEZINHO ERA UMA FIGURA MÍTICA PRA MIM. A GENTE CONVERSOU MUITO TEMPO, ELE FALOU QUE MOROU E TRABALHOU ALI, CONTOU UMAS HISTÓRIAS E FOI EMBORA, NUNCA MAIS FOI VISTO...

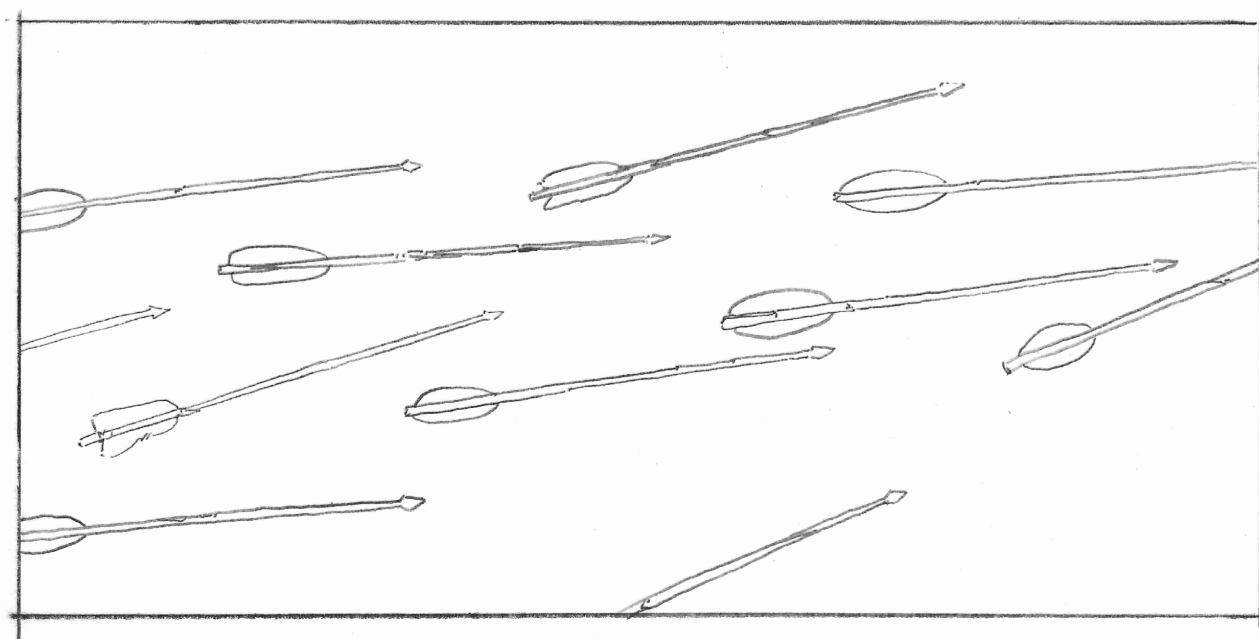
DIZEM QUE ISSO É MENTIRA MINHA, QUE EU TIVE UMA ALUCINAÇÃO E VI O ZEZINHO, PORQUE TODO MUNDO SEMPRE ACHOU QUE ELE ERA FALECIDO HÁ MUITO TEMPO. ATÉ ENTÃO A GENTE ACHAVA QUE ESSA FIGURA EXISTIU NUM PASSADO REMOTO, SEM CRONOLOGIA MUITO CERTA, E AÍ EU TIVE ESSA EXPERIÊNCIA SOBRENATURAL LÁ NESSE DIA."

09. A CASA DO ÍNDIO

PESQUISADORES E EX-DIRETORES DO MUSEU SE LEMBRAM DA CASA DO ÍNDIO, UM ESPAÇO OCUPADO POR INDÍGENAS, AINDA NA ÉPOCA DO INSTITUTO AGRONÔMICO.

"QUANDO CHEGAMOS AQUI HAVIA UM PELOTÃO DE SOLDADOS INDÍGENAS E ESSA CASA ERA O ALOJAMENTO DELES. ELES ERAM TREINADOS PARA ATUAR COMO POLÍCIA. DURANTE UM BOM TEMPO A GENTE CRUZAVA COM ESSE PESSOAL DENTRO DO MUSEU. A ROUPA DO PELOTÃO INDÍGENA ERA AZUL CLARO, NÃO ERA A MESMA FARDA DA POLÍCIA MILITAR."

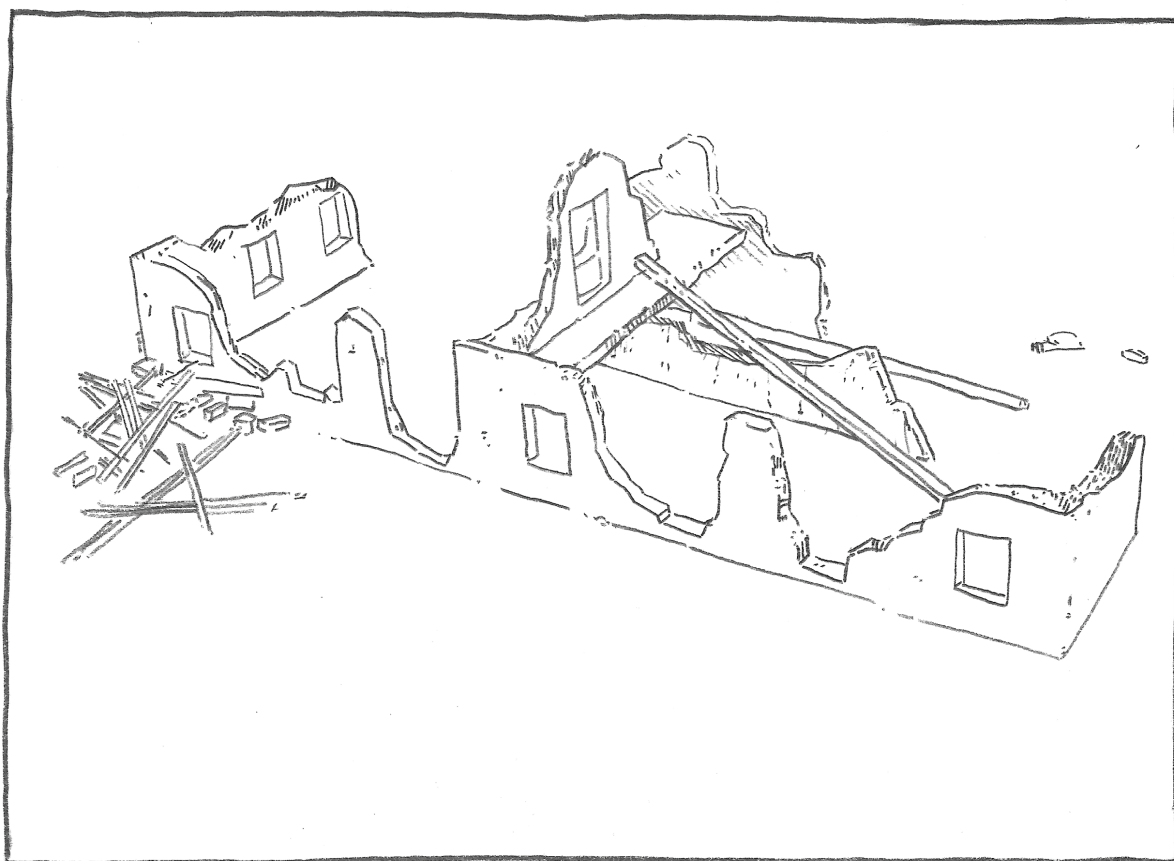
NA ÁREA ONDE ERA A CAVALARIA DA POLÍCIA MILITAR, PRÓXIMA DA AVENIDA JOSÉ CÂNDIDO DA SILVEIRA, ERA POSSÍVEL VER MUITOS INDÍGENAS. SEU GRILO ESTUDAVA COM ALGUNS DELES NA ESCOLA ESTADUAL AMÉLIA DE CASTRO E DE VEZ EM QUANDO MATAVAM AULA PARA BRINCAR NA MATA. FOI COM OS INDÍGENAS QUE ELE APRENDEU A USAR ARCO E FLECHA: "ELES ERAM MUITO AMIGOS DA GENTE, ERAM BONS NAQUILO LÁ".



"MEU MARIDO TOCAVA ACORDEOM, ENTÃO OS INDÍGENAS GOSTAVAM DE IR LÁ PRA CASA OUVIR ELE TOCAR. UM DELES ATÉ NAMOROU COM A MINHA ENTEADA. O NAMORO ACABOU PORQUE A FUNAI LEVOU OS INDÍGENAS EMBORA. ISSO FOI POR VOLTA DE 69/70." POSTERIORMENTE ESSA CASA SE TORNOU O SETOR DE ARQUEOLOGIA, MAS ATÉ HOJE VÁRIOS PESQUISADORES SE REFEREM A ELA COMO **A CASA DO ÍNDIO**.

"LEMBRO DO CHEIRO DAS COISAS GUARDADAS DA ARQUEOLOGIA, QUE A GENTE BRINCA QUE É O CHEIRO DO SETOR. MUITAS PESSOAS QUE TRABALHARAM AQUI SABEM QUE CHEIRO É ESSE. VOCÊ PEGA A COISA, LEVA PRA CASA, NA HORA QUE PEGA O NEGÓCIO, VOCÊ FALA: "Ó, TÁ COM O CHEIRO DO SETOR".

"O SETOR DE ARQUEOLOGIA FOI IMPLANTADO NAQUELA CASA QUE AGORA TÁ EM PROCESSO DE ARRUINAMENTO. ALI FOI O LOCAL ORIGINAL DO SETOR ATÉ O MOMENTO EM QUE UM FORMIGUEIRO ABALOU A ESTRUTURA DA CASA. POSTERIORMENTE, HOVE UMA EXPANSÃO DA EQUIPE, DOS PROJETOS E O SETOR ACABOU OCUPANDO OUTRAS CASAS."



10. A CAVALARIA

"EXISTIA UM PELOTÃO DA CAVALARIA DA POLÍCIA MILITAR NO MUSEU, PARECE QUE FOI IMPLEMENTADO LÁ NA ÉPOCA DA DITADURA MILITAR. SABE AQUELA SAÍDA PRA JOSÉ CÂNDIDO? ELES QUE CONSTRUÍRAM AQUILO, NÃO SEI SE VOCÊS JÁ REPARARAM OS CAVALINHOS DECORATIVOS QUE TEM NO PORTÃO DA ENTRADA."

"QUANDO NÓS CHEGAMOS NO MUSEU, NA DÉCADA DE 70, TINHA UM GALPÃO ENORME AO LADO DA CASA DO SETOR. AQUILO ERA O ALOJAMENTO DA POLÍCIA E AQUELAS CERCAS SÃO VESTÍGIOS DE UM CURRAL. OS CAVALOS FICAVAM ALI E ÀS VEZES FICAVAM SOLTOS."

"MEU IRMÃO MAIS VELHO ERA DO REGIMENTO DA CAVALARIA DO MUSEU. ELE FOI TRABALHAR LÁ COMO MILITAR E FAZIA RONDA NA REGIÃO DO NOVA VISTA E DO SANTA INÊS. DE TARDE, ELE LEVAVA O CAVALO PRO MUSEU E DEIXAVA ELE LÁ. ACHO QUE TEM VESTÍGIOS DESSA CAVALARIA LÁ DENTRO ATÉ HOJE."



DICAS DO PERCURSO:
SIGA A PLACA INDICANDO
A RUA DE ACESSO AO
OBSERVATÓRIO, À DIREITA.

II. O CÉU DO MUSEU

PROCURE PELOS
BANCOS NO ENTORNO
DO OBSERVATÓRIO.



"ESSE TELESCÓPIO QUE ESTÁ NO MUSEU É HISTÓRICO, FOI USADO NA SEGUNDA GUERRA PARA VISUALIZAR MÍSSEIS ALEMÃES. PRIMEIRO, O TELESCÓPIO FOI PARA A PRAÇA CAIRO, NO SANTO ANTÔNIO; DEPOIS, PARA UM GALPÃO DA ENGENHARIA DA UFMG, NA PRAÇA DA ESTAÇÃO. POR FIM, FOI MONTADO NO MUSEU. ELE CONTA UM POUCO DA HISTÓRIA DA ASTRONOMIA EM BH."

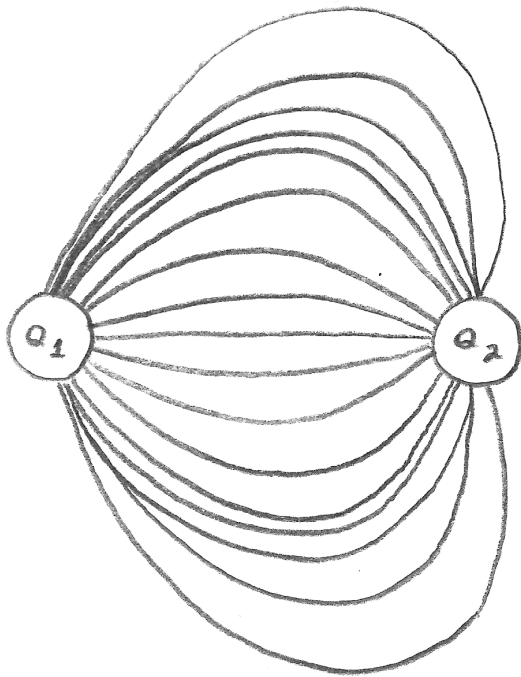
"O MUSEU ERA O MELHOR LUGAR DE BELO HORIZONTE QUE CONHECIAMOS PARA OBSERVAR O CÉU. AQUI, NA MAIORIA DAS VEZES, O VENTO SOPRA DO LESTE PRO OESTE, ENTÃO NÃO TRAZ A POLUIÇÃO DA CIDADE PRO CÉU DO MUSEU. POR ESSA RAZÃO, EM 2008, TROUXEMOS O PROJETO QUARTA CRESCENTE PARA O MUSEU. ANTERIORMENTE, ELE ACONTECIA NO PARQUE ECOLÓGICO DA PAMPULHA, MAS A REGIÃO JÁ TINHA MUITA POLUIÇÃO LUMINOSA."

"O QUARTA CRESCENTE ERA UM PROJETO DE DIVULGAÇÃO DA CIÊNCIA VOLTADO PARA A OBSERVAÇÃO ASTRONÔMICA QUE ACONTECIA SEMPRE ÀS QUARTAS-FEIRAS DE LUA CRESCENTE. ESSE É O MELHOR PERÍODO PARA PERCEBER A TEXTURA DA SUPERFÍCIE LUNAR, JÁ QUE EM LUA CHEIA A LUMINOSIDADE É MUITO INTENSA. NESSE EVENTO, ERAM MONTADOS VÁRIOS TELESCÓPIOS PARA OBSERVAÇÃO DE VÊNUS, MARTE E AGLOMERADOS DE ESTRELAS. LEMBRO DE UM DIA QUE HAVIA AO MENOS CINCO TELESCÓPIOS MONTADOS NO CAMPINHO, AO LADO DO OBSERVATÓRIO."



DICAS DO PERCURSO:
ESTE É O ÚLTIMO
PONTO DO PERCURSO.
VOLTE PELO MESMO
CAMINHO DE
ONDE VEIO.

"NO CAMPINHO HAVIA TAMBÉM UMA TENDA TAMBÉM UMA TENDA GRANDE PARA O PLANETÁRIO E OUTRAS TENDAS PEQUENAS: UMA COM UM LABORATÓRIO INTERATIVO DEMONSTRATIVO DE FÍSICA, O FÍSICA FÁCIL; UMA PARA FALAR DE ASTRONOMIA, OUTRA PARA ELETROMAGNETISMO, UM LABORATÓRIO PARA DISCUTIR A FÍSICA DOS ASTROS. A GENTE FALAVA UM POUCO DE ÓTICA, DO ESPECTRO, DE FOTOMETRIA."



"O TELESCÓPIO TEM UMA CÚPULA BEM SIMPLES E PESADA. GERALMENTE, ELAS SÃO FEITAS DE FIBRA DE VIDRO OU ALUMÍNIO E A DAQUI É DE METAL. ESSA CÚPULA GIRA NUM SISTEMA DE ENGRENAGEM, NUM TRILHO. QUANDO A JANELA DA CÚPULA ESTÁ VOLTADA PARA O SUL, POR EXEMPLO, VOCÊ OBSERVA UM OBJETO QUE ESTÁ NO SUL. ESSA JANELA PEGA UM POUCO MAIS DO ZÊNITE ATÉ 80 GRAUS."

MEMÓRIAS DO FOGO

NAS PRÓXIMAS PÁGINAS
RELEMBRAMOS A MEMORIA
DO INCÊNDIO NA VOZ
DAS PESSOAS COM
QUEM CONVERSAMOS.

"O MATERIAL QUE ESTAVA DENTRO DA RESERVA TÉCNICA QUE PEGOU FOGO FOI MEU PAI QUE TROUXE DOS TRABALHOS DE CAMPO JUNTO COM O SR JOÃO BÁRBARA, QUE TAMBÉM ERA MOTORISTA. SÃO RESULTADO DE LONGAS PESQUISAS COMO AS DO PROF. ANDRÉ PROUS EM JANUÁRIA E MONTALVÂNIA. E QUANDO OUVI FALAR DO INCÊNDIO FALEI NOSSA, NÓS PERDEMOS MUITA COISA, PORQUE ESSA HISTÓRIA NÃO VOLTA MAIS. PRA GENTE FOI MUITO TRISTE."

"ESSE INCÊNDIO FOI UMA PERDA MUITO PODEROSA. É UMA PERDA PARA O ACERVO QUE FOI ATINGIDO. ALGUMAS COISAS SE PERDERAM DEFINITIVAMENTE, OUTRAS ESTÃO MUITO ALTERADAS. O QUE EU ACHO QUE FOI MAIS IMPACTADO NO MUSEU FOI A CAPACIDADE DAQUELES REMANESCENTES HUMANOS, DAQUELES VEGETAIS E DAQUELA FAUNA AGIREM SOBRE A GENTE E FAZEREM A GENTE PENSAR. ESSE ACERVO NOS PERMITIRIA CONTAR HISTÓRIAS DE UMA MANEIRA MUITO DIFERENTE DA FORMA COMO USUALMENTE ELAS SÃO CONTADAS."

"A DIMENSÃO DO INCÊNDIO É INIMAGINÁVEL EM TERMOS DE ACERVO. EM TERMOS BIOLÓGICOS, A MAIOR PERDA FORAM AS COLEÇÕES ZOOLOGICAS. ELAS FORAM TÃO IMPORTANTES COMO SÃO AS COLETAS DE MELO BARRETO. O SENTIMENTO É DE UMA DOR MUITO GRANDE. PORQUE SE VOCÊ PENSAR, É A HISTÓRIA QUE SE PERDEU."

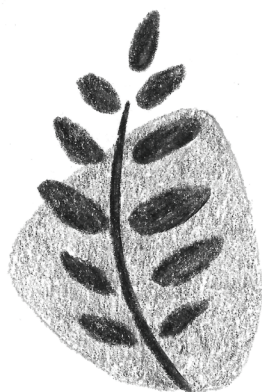
"EU SENTI MUITO. IGUAL SENTI QUANDO O MUSEU DO RIO PEGOU FOGO. LAMENTEI MUITO. A GENTE QUASE QUE PERTENCIA ÀQUILO LÁ, A GENTE VIVENCIOU AQUILO."

"NOSSAS VIDAS ESTÃO MUITO ENTRELAÇADAS AO ACERVO. EU ESTAVA DIRETAMENTE ENVOLVIDO COM AS ESCAVAÇÕES DE BOA PARTE DO QUE ESTAVA ALI. TALVEZ O INCÊNDIO NOS IMPACTE DE UMA MANEIRA ESPECIAL PORQUE NÓS SOMOS PESQUISADORES QUE TRABALHAMOS COM A MATERIALIDADE DAS PEÇAS, DOS DEPÓSITOS DE MATERIAL VEGETAL, DOS SEPULTAMENTOS. MINHA VIDA PROFISSIONAL INTEIRA ESTÁ LIGADA AO MUSEU."

"OS REMANESCENTES HUMANOS CONTINUAM SENDO TÃO IMPORTANTES PRA MIM QUANTO ERAM ANTES. A OBRIGAÇÃO QUE EU TENHO COM ELES CONTINUA SENDO A MESMA."

"A RESERVA É O RESULTADO DO NOSSO TRABALHO COLETIVO. É DISSO QUE A GENTE TRATA EM ARQUEOLOGIA CENTRALMENTE: COMO AS PESSOAS SE RELACIONAM COM AS COISAS; AS COISAS COM AS PESSOAS; AS PESSOAS COM AS PESSOAS ATRAVÉS DAS COISAS; AS COISAS, UMAS COM AS OUTRAS. A RESERVA É ESTE CORPO MATERIAL QUE NOS CONECTA, QUE EFETIVA, VIABILIZA, ESTIMULA AS RELAÇÕES ENTRE A GENTE. PERDER ESSA PARTE DO ACERVO, OU TÊ-LA MUITO MODIFICADA, DÁ UMA PANCADA EM TERMOS DAS RELAÇÕES, MAS AS RELAÇÕES CONTINUAM. NÃO SEI COMO VAMOS CONTINUAR LIDANDO AO LONGO DOS ANOS COM ESTE IMPACTO. MAS O MUSEU CONTINUA SENDO UM ESPAÇO ESTIMULANTE DO PONTO DE VISTA DO TRABALHO E DA CONVIVÊNCIA COM OUTROS PESQUISADORES, COM OS ESTUDANTES, UM ESPAÇO EM QUE GOSTO DE ESTAR."

"A GENTE VAI APRENDER A LIDAR AO LONGO DO TEMPO. NÃO DÁ PRA FICAR INDIFFERENTE, A GENTE VAI CONTINUAR COM ESTE INCÔMODO, MAS VAI CONTINUAR TRABALHANDO COM ESSE ACERVO. A MESMA OBRIGAÇÃO QUE EU SINTO QUE A GENTE TEM COM OS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS, NO MOMENTO QUE A GENTE ESCAVA, E QUE A GENTE TEM COM O ACERVO QUE ESTÁ NO MUSEU, A GENTE CONTINUA TENDO COM ESSE ACERVO IMPACTADO PELO FOGO."



O MUSEU E A REGIÃO LESTE DE BELO HORIZONTE

A LINHA FÉRREA E O RIBEIRÃO ARRUDAS FORAM ELEMENTOS IMPORTANTES PARA A OCUPAÇÃO DA REGIÃO LESTE DE BELO HORIZONTE. OS BAIRROS QUE CIRCUNDAM O MUSEU, COMO O HORTO E O INSTITUTO AGRONÔMICO, FORAM VILAS OPERÁRIAS FORMADAS PARA ABRIGAR FAMÍLIAS EXCLUÍDAS DO PLANEJAMENTO DOS BAIRROS DE OCUPAÇÃO MAIS ANTIGA DA ZONA LESTE COMO FLORESTA, SANTA EFIGÊNIA E SANTA TEREZA. OUTROS BAIRROS DO ENTORNO DO MUSEU SURTIRAM DO LOTEAMENTO DE FAZENDAS DA ÁREA RURAL NA ESTRADA VELHA PARA SABARÁ, COMO SANTA INÊS E BOA VISTA.



OS BAIRROS HORTO, ESPLANADA E INSTITUTO AGRONÔMICO OCUPAM A ÁREA DA ANTIGA FAZENDA BOA VISTA. ALI HAVIA UMA ESTAÇÃO FERROVIÁRIA EM CUJO PÁTIO FOI INSTALADA UMA OFICINA DA ESTRADA DE FERRO CENTRAL DO BRASIL PARA A REPARAÇÃO DE MÁQUINAS E OS FERROVIÁRIOS COMEÇARAM A SE INSTALAR POR ALI.

"ESSA MATA PRO PESSOAL DA ZONA LESTE SEMPRE FOI UMA REFERÊNCIA IMPORTANTE, MAS COM UM ALCANCE ABSOLUTAMENTE REGIONAL. MUITA GENTE DA ZONA SUL, DA ZONA NORTE OU DA ZONA OESTE DA CIDADE NUNCA OUVIU FALAR NISSO. QUEM CRESCER NO HORTO, SANTA INÊS, NA BEIRADA DO QUE VIROU A CIDADE NOVA, SAGRADA FAMÍLIA, ESSA MATA SEMPRE FOI A MATA, NÃO É O MUSEU. MUITA GENTE CHAMA LÁ DE HORTO ATÉ HOJE."

"ESSA MATA IA ATÉ PRA LÁ, PRO LADO DA CIDADE NOVA, MAS ELES DERRUBARAM PRA FAZER A AVENIDA JOSÉ CÂNDIDO DA SILVEIRA. EU LEMBRO ATÉ HOJE, TINHA UMAS ÁRVORES GRANDES, DERRUBARAM TUDO NO MACHADO."

COM QUEM CONVERSAMOS

ANDRE PROUS É ARQUEÓLOGO E PROFESSOR TITULAR DO DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA DA FAFICH-UFMG. FOI AO MHNJB PELA PRIMEIRA VEZ EM JUNHO DE 71, NO PRIMEIRO ANO DA MISSÃO ARQUEOLÓGICA FRANCO-BRASILEIRA DE LAGOA SANTA. "A GENTE TINHA UM ACORDO COM O MUSEU NACIONAL E COM O MUSEU DAQUI". QUANDO CHEGOU, O MUSEU ERA UM ESPAÇO VERDE, NÃO HAVIA EXPOSIÇÕES OU CENTROS DE PESQUISA. HAVIA UM MORADOR, NA CASA DO ZEZINHO, QUE ERA UM TAXIDERMISTA E O DIRETOR DO MUSEU MORAVA NO PALACINHO. ESSAS CASAS, QUE ERAM DO INSTITUTO AGRONÔMICO, AINDA TINHAM ESTRUTURA RESIDENCIAL E ELE CHEGOU A PERNOITAR EM ALGUMAS DELAS. ANDRE PROUS FOI PROFESSOR DA USP ATÉ 1975 E, NO MOMENTO EM QUE VOLTARIA PARA A FRANÇA, FOI CONVIDADO PARA FUNDAR O SETOR DE ARQUEOLOGIA DA UFMG, NO MHNJB: "EU ACHEI ÓTIMO VIR PARA CÁ! ME INSTALEI NA CASA DO ÍNDIO, UMA CASA CAMPONESA MUITO BONITA. EU LECIONAVA EM CURSOS DE EXTENSÃO E TAMBÉM NA GRADUAÇÃO E FUI REUNINDO PESQUISADORES".

ANDREI ISNARDIS HORTA É PROFESSOR NO DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA NA FAFICH-UFMG E PESQUISADOR DO SETOR DE ARQUEOLOGIA DO MUSEU. É FORMADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS NA UFMG E INICIOU SEU TRABALHO EM PESQUISA NO MUSEU AINDA NA GRADUAÇÃO: "EU FUI AO MUSEU PELA PRIMEIRA VEZ NO PRIMEIRO SEMESTRE DA GRADUAÇÃO, EM 91, PARA AS AULAS DO PROFESSOR ANDRE PROUS. NESTE MESMO ANO SURGIRAM VAGAS DE ESTÁGIO PARA TRABALHAR VOLUNTARIAMENTE NAS PESQUISAS. LEMBRO DE ENTRAR NO MUSEU COM UM COLEGA PARA ME CANDIDATAR." DESDE ENTÃO ANDREI SEMPRE MANTEVE ALGUM TIPO DE VÍNCULO COM O MUSEU: DE ESTUDANTE DE GRADUAÇÃO A PÓS-GRADUAÇÃO, DE VOLUNTÁRIO A COORDENADOR DE PROJETOS DE PESQUISA. "NO COMEÇO ERA UMA ROTINA DE TRABALHO MAIS DESCRITIVA DO MATERIAL ARQUEOLÓGICO E COM O PASSAR DOS ANOS EU FUI ME APROPRIANDO UM POUCO MAIS DAS COISAS, COMEÇANDO A CONSTRUIR QUESTÕES DE PESQUISA DO MEU INTERESSE. FOI NO DOUTORADO QUE COMECEI A COORDENAR AS PESQUISAS NA REGIÃO DE DIAMANTINA E A ME ENVOLVER COM PINTURA RUPES- TRE. NOS ANOS 90 AS PESQUISAS NESSA ÁREA SE INTENSIFICARAM." O CONVÍVIO COTIDIANO ENTRE ESTUDANTES, PESQUISADORES E PROFESSORES SEMPRE FOI UM ASPECTO IMPORTANTE PARA ANDREI NO MUSEU: "A GENTE CONVIVE MUITO INTENSAMENTE".

CARLOS MAGNO GUIMARÃES É HISTORIADOR E PROFESSOR NO DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA NA FAFICH-UFMG. É TAMBÉM PESQUISADOR, COORDENADOR DO CENTRO ESPECIALIZADO EM ARQUEOLOGIA HISTÓRICA DO MHNJB. SEU VÍNCULO COM O MUSEU SE INICIA NO FIM DA GRADUAÇÃO, POR VOLTA DE 1975: "NESSA ÉPOCA O PROFESSOR PROUS OFERECIU UM CURSO DE FORMAÇÃO EM ARQUEOLOGIA QUE ACABOU SENDO A BASE PARA A CONSOLIDAÇÃO DA EQUIPE DE ARQUEOLOGIA DA UFMG, CONSTITUÍDA POR TRÊS PROFESSORES QUE CHEGARAM NESSE MOMENTO: JOSÉ EUSTÁQUIO TEIXEIRA DE ABREU, PAULO JUNQUEIRA E EU. DURANTE ALGUM TEMPO O PAULO JUNQUEIRA E EU DIVIDIMOS AQUELE ESPAÇO, DEPOIS ELE SAIU DA UNIVERSIDADE E EU FIQUEI E ESTOU ATÉ HOJE." O LABORATÓRIO DE ARQUEOLOGIA HISTÓRICA OCUPA A CASA AMARELA HÁ MAIS DE 30 ANOS.

FERNANDO BARBOZA FOI ESTUDANTE DA UFMG, TRABALHOU COMO EDUCADOR NO MUSEU, DE 2014 A 2019, E HOJE É FORMADO EM TURISMO. FOI AO MUSEU PELA PRIMEIRA VEZ QUANDO ERA CRIANÇA E SÓ VOLTOU BEM DEPOIS, QUANDO JÁ ESTAVA NA UNIVERSIDADE. SEMPRE GOSTOU DAS TROCAS COM SERVIDORES DO MUSEU, COM O PESSOAL TERCEIRIZADO E COM OS COLEGAS DE OUTROS CURSOS DE GRADUAÇÃO: "GOSTAVA DE ACOMPANHAR AS VISITAS DE OUTROS MONITORES E ABSORVER O QUE ELES DIZIAM. TINHA GENTE DA BIÓLOGIA, DA ARQUEOLOGIA, DO TURISMO, DAS CIÊNCIAS SOCIOAMBIENTAIS, DA GEOLOGIA... UMA PESSOA FALA SOBRE FORMIGA, OUTRA FALA DE ASTROS, OUTRA FALA SOBRE A MATA OU SOBRE AS ROCHAS. ESSA INTERDISCIPLINARIDADE DESPERTAVA A VONTADE DE APRENDER SEMPRE MAIS. ACREDITO QUE ESSA TENHA SIDO A GRANDE RIQUEZA DE TRABALHAR NO MUSEU."

GABRIEL ARCANJO LEÔNCIO É TAXISTA HÁ 13 ANOS, NASCIDO EM BH, EM 1965. SEMPRE MOROU NO NOVA VISTA, UM BAIRRO VIZINHO, E SEMPRE IA AO MUSEU EM FAMÍLIA. "MEU IRMÃO MAIS VELHO TRABALHAVA NO MUSEU, ELE ERA MILITAR, TRABALHAVA NA CAVALARIA. ENTÃO ELE LEVAVA A GENTE LÁ PRA PASSEAR LÁ... EU FUI CRESCENDO, PASSEI MINHA ADOLESCÊNCIA TODA FREQUENTANDO O MUSEU. DEPOIS EU CONHECI MINHA ESPOSA ATUAL, HÁ 35 ANOS. EU LEVAVA ELA PRA PASSEAR LÁ. QUANDO EU COMECEI A FREQUENTAR, A FLORESTA JÁ TINHA SIDO CONSTRUÍDA. EU LEMBRO A MINHA PRIMEIRA VEZ, EU FIQUEI MUITO ESPANTADO, ME ACHEI MINÚSCULO EM RELAÇÃO AQUELE TANTÃO DE ÁRVORE, AQUELA IMENSIDÃO DE ÁRVORES NA MINHA FRENTE!"

GLADSON DE OLIVEIRA É DE BH, FORMADO EM GEOGRAFIA, COM ÊNFASE EM GEOGRAFIA FÍSICA. FOI ESTUDANTE DE MESTRADO DE 2016 A 2018 NA UFMG. ESTEVE NO MUSEU PELA PRIMEIRA VEZ EM UM PASSEIO DE FIM DE SEMANA, EM 2003, APÓS SABER DA EXISTÊNCIA DO MESMO ATRAVÉS DO CURSO DE GRADUAÇÃO. O QUE MAIS MARCOU ESSA VISITA FORAM AS RÉPLICAS DAS PREGUIÇAS GIGANTES NA EXPOSIÇÃO DE PALEONTOLOGIA E A MATA, "UMA RARIDADE, UMA ÁREA VERDE ASSIM NO MEIO DA CIDADE". FEZ MESTRADO NO MUSEU SOBRE ANÁLISE INTEGRADA DA PAISAGEM A PARTIR DA GEOECOLOGIA. SUA ROTINA COMO PESQUISADOR ERA DURANTE A SEMANA NA CASA BRANCA DA GEOLOGIA. "HAVIA UMA BOA ESTRUTURA NA CASA E EU PASSAVA AS TARDES ALI ESCRREVENDO, INSPIRADO PELO VERDE AO REDOR."

JOÃO RENATO STEHMANN É BIÓLOGO FORMADO PELA UFRGS E PROFESSOR DA UFMG DESDE A DÉCADA DE 90. ATUALMENTE É PROFESSOR TITULAR E DIRETOR DO MHNJB. CHEGOU EM BH EM 1986, COM UMA MOCHILA NAS COSTAS, AOS 24 ANOS, PARA TRABALHAR NUMA INSTITUIÇÃO VIZINHA AO MUSEU, O CETEC. "DESDE QUE CHEGUEI EM BELO HORIZONTE EU SOU VIZINHO DO MUSEU. MORAVA EM UM PRÉDIO NA AVENIDA CONTAGEM QUE TINHA UMA VARANDA, UMA REDE E UMA VISTA PARA A MATA. A PAISAGEM DO LOCAL SEMPRE FICOU PRESENTE NAS MINHAS MEMÓRIAS. ISSO ME MARCOU MUITO. ESSA É MINHA HISTÓRIA DA CHEGADA AQUI EM BELO HORIZONTE, O PRIMEIRO CONTATO COM O MUSEU."

JOACHIM KARFUNKEL É GEÓLOGO DE CAMPO E FOI PESQUISADOR PIONEIRO NA ÁREA DE GEOLOGIA DO MHNJB. SEU PAI ERA UM MÉDICO JUDEU ALEMÃO QUE ESCAPOU PARA A CHINA QUANDO OS NAZISTAS CHEGARAM EM BERLIM, EM 1936. SUA MÃE, CHINESA, HAVIA ESTUDADO LÍNGUAS E LITERATURA E FOI A TRADUTORA DE SEU PAI. KARFUNKEL FEZ O DOUTORADO NA UNIVERSIDADE ALEMÃ DE FREIBURG, EM 1975, SOBRE A GEOLOGIA DE ITACAMBIRA, NO NORTE DE MINAS. FOI ALUNO DE REINHARD PFLUG, CRIADOR DO INSTITUTO ESCHWEGE, EM DIAMANTINA. QUANDO TERMINOU O DOUTORADO, FOI CONVIDADO PARA TRABALHAR NA UNIVERSIDADE DE BERLIM COMO PROFESSOR TITULAR, MAS PENSOU "TENHO QUE VOLTAR PRA MINAS GERAIS, SEMPRE ADOREI TANTO AS PESSOAS COMO AS GEMAS". SE TORNOU PROFESSOR E DEU A PRIMEIRA AULA NA UFMG, EM FEVEREIRO DE 1976, PARA A PRIMEIRA TURMA DA GEOLOGIA. TRABALHOU DURANTE MAIS DE VINTE ANOS NO MUSEU.

LUIZ CARLOS VIANA JUNIOR É SERVIDOR RECÉM APOSENTADO DO JARDIM BOTÂNICO, FORMADO EM ENGENHARIA FLORESTAL EM VIÇOSA. VEIO PARA BELO HORIZONTE PARA FAZER O CONCURSO PÚBLICO PARA A UFMG, EM 2008. "FOI INTERESSANTE PORQUE ATÉ A HORA DE FAZER A PROVA, EU NÃO SABIA ONDE IRIA TRABALHAR. PEGUEI UMAS IMAGENS AÉREAS DA UFMG PARA VER ONDE TINHA MATA E VI O MUSEU. AÍ EU FIQUEI LOGO QUERENDO TRABALHAR AQUI. FIQUEI SUPER FELIZ QUANDO VIM PRA CÁ." LUIZ CARLOS FEZ VÁRIAS MELHORIAS NOS JARDINS DO MUSEU. "FIZ AQUELES CAMINHOS DE BOLACHA DE MADEIRA, O PRIMEIRO LUGAR FOI ALI PERTO DA EXPOSIÇÃO DE PALEONTOLOGIA. TIREI TODO O MATO QUE TINHA, FIZ AS TRILHAS E PLANTAMOS UM JARDIM BAIXINHO, FICOU BONITINHO E AS PESSOAS ANDAVAM POR ALI. SIM, AQUELAS BOLACHAS ALI PRA TODO LADO... É COISA MINHA!"

MARIA DAS GRAÇAS LINS BRANDÃO É PROFESSORA TITULAR DA UFMG, FORMADA EM FARMÁCIA. DESDE PEQUENA GOSTAVA DE ROÇA E DE PLANTAS, SEMPRE QUIS SER CIENTISTA. DECIDIU ESTUDAR FARMÁCIA QUANDO, NA ÉPOCA DO COLÉGIO, A SUA PROFESSORA LHE DISSE QUE, SE ELA QUISESSE, PODERIA SER CIENTISTA. POR VOLTA DE 2001, DESENVOLVEU UM PROJETO CHAMADO CIRCUITO DAS PLANTAS MEDICINAIS DE BH, NOS PARQUES DA CIDADE. NESSA ÉPOCA, FOI CONVIDADA PARA TRABALHAR NO MUSEU, ONDE IMPLEMENTOU O CEPLAMT – CENTRO ESPECIALIZADO EM PLANTAS AROMÁTICAS, MEDICINAIS E TÓXICAS DO MHNJB.

MARTHA MARIA DE CASTRO É TÉCNICA APOSENTADA DO MHNJB. FORMADA EM CIÊNCIAS SOCIAIS E PÓS-GRADUADA EM ARQUEOLOGIA. QUANDO CHEGOU NO MUSEU, EM 1989, O QUE MAIS CHAMOU A SUA ATENÇÃO FOI A VEGETAÇÃO EXUBERANTE: “ERA UMA COISA MUITO IMPRESSIONANTE! DA MINHA SALA EU NÃO OUVIA OS CARROS PASSAREM NA RUA GUSTAVO DA SILVEIRA E ÀS TRÊS E MEIA DA TARDE EU JÁ NÃO VIA O CÉU DA JANELA DA MINHA SALA”. MARTHA TRABALHOU NO SETOR DE ARQUEOLOGIA DO MHNJB DURANTE A FASE DE ESCAVAÇÕES NO VALE DO RIO PERUAÇU, NO NORTE DE MINAS. TRABALHOU NA ORGANIZAÇÃO DO ACERVO DE ARQUEOLOGIA VEGETAL: “VEGETAL ARQUEOLÓGICO É UM ACERVO RARÍSSIMO NO BRASIL, POIS É PERECÍVEL, ELE DESMANCHA... E A GENTE TINHA PEQUI DE OITO MIL ANOS! NÓS TÍNHAMOS ESPIGAS DE MILHO INTEIRAS, ERA RARÍSSIMO! TÍNHAMOS SILOS, DEPÓSITOS ALIMENTARES... ENTÃO A GENTE COMEÇOU A LIMPAR, ORGANIZAR, CADASTRAR O MATERIAL QUE VEIO DO PERUAÇU”. ELA SE APOSENTOU EM 2018, E NOS CONTOU QUE TRABALHOU 41 ANOS, 11 MESES E TREZE DIAS NO MUSEU.

PEDRO PAULO PEREIRA PINTO É UM DOS SERVIDORES MAIS ANTIGOS DO MUSEU, ATUA NO SETOR DE COMPRAS DESDE 1983. SEU PAI, TIÃO PINTO, TAMBÉM TRABALHOU NA UFMG COMO MOTORISTA DA REITORIA. “FUI MUITO BEM RECEBIDO AQUI. ENTREI NO FINALIZINHO DO INVERNO E O QUE ME MARCOU FOI QUE NO MUSEU ERA FRIO DEMAIS!” ELE CONTA QUE LOGO QUE ENTROU, EXISTIA UMA HORTA DOS FUNCIONÁRIOS ALI PERTO DO PALACINHO: “OS FUNCIONÁRIOS IAM PRA HORTA DEPOIS DO EXPEDIENTE, CUIDAR E COLHER. A GENTE TRAZIA HORTALIÇA FRESQUINHA PRA CASA. NA REALIDADE O MUSEU ERA UMA GRANDE FAMÍLIA!”

RENATO LAS CASAS É BRASILEIRO, NASCIDO NO RIO DE JANEIRO, MAS SE CONSIDERA BELORIZONTINO. SUA ÁREA DE CONHECIMENTO É FÍSICA E ASTRONOMIA. ENTROU NA UFMG EM 1974 COMO ALUNO E SE TORNOU PROFESSOR EFETIVO. NO MUSEU, TRABALHOU DURANTE 4 ANOS NO PROJETO DE EXTENSÃO QUARTA CRESCENTE, NO FINAL DOS ANOS 80. "DE TODOS OS ESPAÇOS QUE NÓS CONHECIAMOS NA CIDADE, O MELHOR LUGAR EM TERMOS DE CÉU ERA O MUSEU DE HISTÓRIA NATURAL. FIZEMOS UM PROJETO PARA A FAPEMIG E RECUPERAMOS A CÚPULA E O TELESCÓPIO. AÍ ENTÃO COMEÇAMOS A REALIZAR O QUARTA CRESCENTE NO MUSEU." LAS CASAS CONTA QUE TEM UMA COISA AFETIVA PELO MUSEU, PORQUE UM DOS PASSEIOS QUE ELE SEMPRE FAZIA COM O PAI, PASSAVA POR UMA COISA QUE ELE ACHAVA FANTÁSTICA, ERA UM TÚNEL DE ÁRVORES NA GUSTAVO DA SILVEIRA. "A COPA DAS ÁRVORES SE FECHAVA AO LONGO DE 50, 100 METROS OU MAIS... ALI ERA UM TÚNEL DE ÁRVORES. AINDA HOJE TEM ALGUMAS ÁRVORES REMANESCENTES DESTES TÚNELS. É MINHA PRIMEIRA LEMBRANÇA DO MUSEU."

WOLNEY LOBATO É DE UBERLÂNDIA, NATURALISTA COM DUAS PÓS-GRADUAÇÕES, UMA NA ÁREA MÉDICA E OUTRA NA GEOCIÊNCIAS, NA ÁREA NUCLEAR. EM 1973, TEVE O PRIMEIRO CONTATO COM O MUSEU, COMO REPRESENTANTE DO INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS, IGC; EM 1983 FOI NOMEADO DIRETOR E FICOU NO CARGO ATÉ 1995. "EU SOU UM NATURALISTA E ME IDENTIFICO COM A NATUREZA. LUTEI PELO MUSEU NOS INSTITUTOS CENTRAIS, QUE REPRESENTAVAM UMA SEGMENTAÇÃO DO CONHECIMENTO. O MUSEU REPRESENTAVA O CONHECIMENTO VOLTADO PARA A NATUREZA, DE MANEIRA INTEGRADA, UMA CONFLUÊNCIA DA ARTE COM A ECOLOGIA."

LUIZ GUSTAVO PEREIRA DOS SANTOS 25 ANOS, É MORADOR DO BECO DESDE QUE NASCEU, É FILHO DE CELESTE PEREIRA DOS SANTOS. "QUANDO A GENTE ERA NOVINHO TINHA MUITO PROJETO NO MUSEU: AULA DE CANTO, ARTE... A GENTE FAZIA MUITA COISA. A GENTE NADAVA DENTRO DAQUELA CAIXA D'ÁGUA, NADAVA LÁ DENTRO E TINHA ESSE CIPÓ. O CIPÓ AQUI NÃO É AQUELE CIPÓ QUE VEM PENDURADO ASSIM, ELE É TRANÇADO E A GENTE CONSEGUE ANDAR EM CIMA DELE E BRINCAVA DE PEGA PEGA NA ALTURA, DESCENDO E PULANDO... E AÍ QUANDO CORTARAM, FOI UMA TRISTEZA. MINHA MELHOR LEMBRANÇA É ESSE CIPÓ, A GENTE BRINCAVA O DIA INTEIRO NELE."

MAXIMILIANO VERISSIMO BARBOSA NASCIDO EM BELO HORIZONTE, 37 ANOS, MORA NO BECO VIZINHO DO MUSEU. "TENHO MUITAS LEMBRANÇAS. QUANDO EU ERA UM POUCO MENOR, A GENTE BRINCAVA AQUI DENTRO. VÔLEI NO ESTACIONAMENTO, CIPÓ NA MATA, FUTEBOL NO CAMPINHO... TINHA A TURMA DO FUTEBOL DO MUSEU E A NOSSA TURMA. A GENTE JUNTAVA E BATIA PELADA NO CAMPINHO TODA SEXTA À TARDE E DEPOIS PASSOU PARA DOMINGO DE MANHÃ. A GENTE BRINCAVA MUITO AÍ DENTRO."

GUILHERME FERREIRA DOS SANTOS, NATURAL DE SETE LAGOAS, 59 ANOS, MORADOR DO BECO AO LADO DO MUSEU. O PAI, GERALDO MAGELA DOS SANTOS, ERA FUNCIONÁRIO PÚBLICO DO ESTADO E MORAVA NA FAZENDA SANTA RITA, EM SETE LAGOAS, PERTO DE PRUDENTE DE MORAIS. "ANTIGAMENTE ISSO AQUI ERA TUDO DO ESTADO, NÃO ERA NADA DA UFMG. LEMBRANÇA BOA DAQUI EU TENHO É MUITA. IGUAL EU FALEI COM VOCÊ, EU VIVIA AQUI DENTRO. A GENTE FICAVA NESSA CASA AQUI (CASA VERDE) QUASE O DIA TODO. IA PRO MATO JOGAR FLECHA COM OS ÍNDIOS, ERA MUITO BOM. NO BECO EU SOU CONHECIDO COMO GRILO, PORQUE QUANDO CRIANÇA NÃO PARAVA, FICAVA IGUAL UM GRILO NO MEIO DA MATA."

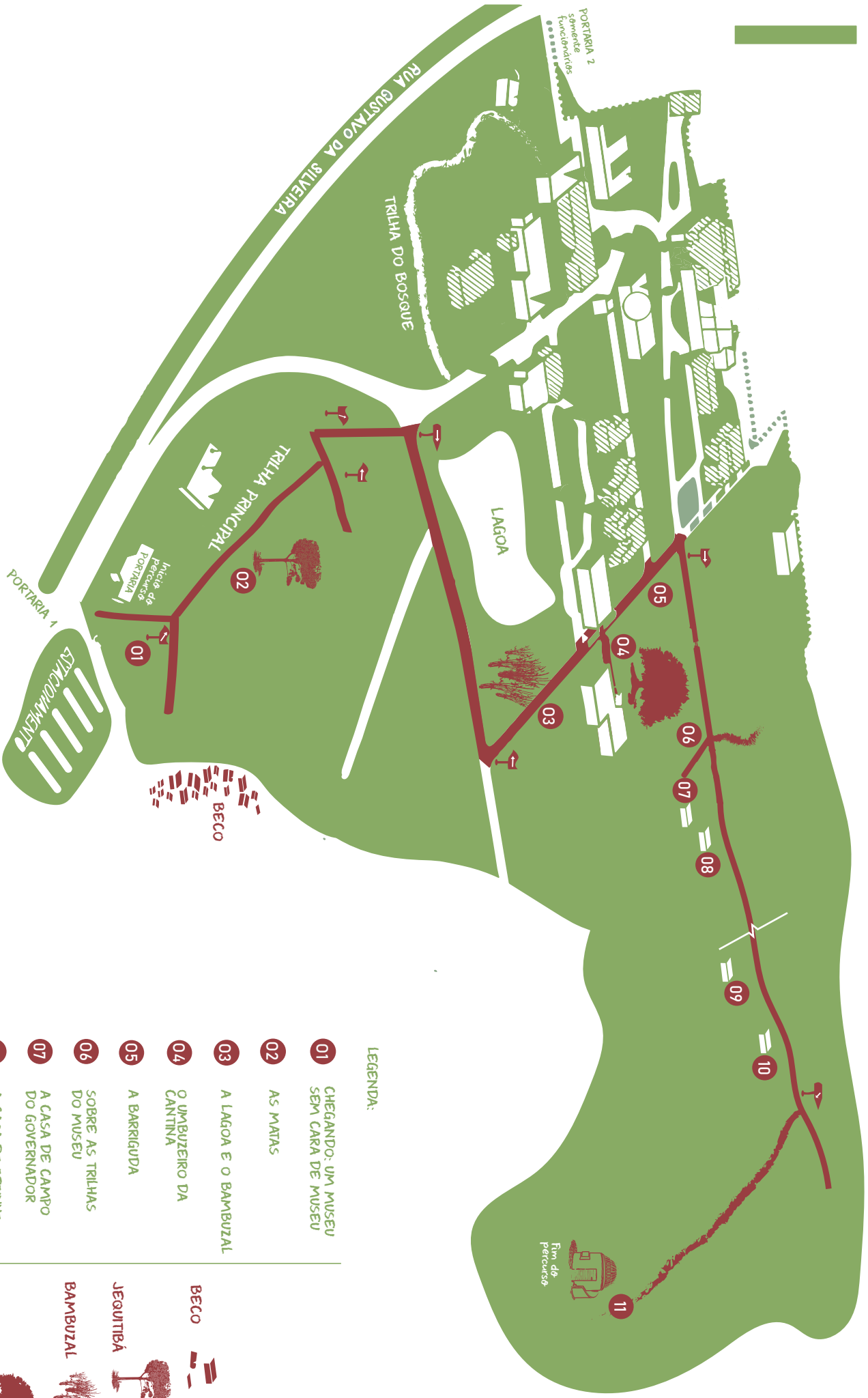
RONALDO MARIA DOS SANTOS É VIZINHO DO MUSEU, MORADOR DO BAIRRO BOA VISTA, HÁ 39 ANOS. "EU FUI GUIA MIRIM AQUI DENTRO, ERA RESPONSÁVEL POR ATENDER O VISITANTE E APRESENTAR O LUGAR. E QUAL LUGAR EU PEGUEI: PIPIRIPAU! NO PRESÉPIO EU FAZIA A APRESENTAÇÃO LÁ NO FUNDO, DE FAZER O TROVÃO. EU FAZIA O TROVÃO!"

MANOEL MARCELINO DOS SANTOS É VIZINHO DO MUSEU, NASCEU EM 1933. FOI UM DOS PRIMEIROS A CONSTRUIR CASA NO BECO. SEUS FILHOS E NETOS SEMPRE CONVIVERAM COM A MATA E FREQUENTARAM O CAMPINHO DE FUTEBOL. "A TURMA DO MUSEU FEZ UMA HOMENAGEM PRO MEU FILHO, QUANDO ELE ADOECEU. ELE JOGAVA BOLA E FIZERAM A "COPA WELLINGTON DE FUTEBOL" COM MEDALHA, TROFÉU E TUDO. TINHA O TIME DO MUSEU E O DO BECO. AÍ DISPUTOU O CAMPEONATO E O CARA QUE GANHOU TUDO, QUE MARCOU MAIS GOL, QUE FOI CAMPEÃO, FEZ A HOMENAGEM... ATÉ A ALESSANDRA CHOROU... FOI TÃO BONITO... FOI EM 2012. FOI LÁ NO CAMPINHO... AÍ EU DEI O TROFÉU, MAS AÍ, ELES QUE GANHOU, GANHOU TUDO, AÍ ELE PEGOU O TROFÉU E FALOU QUE NÃO, QUE O GUERREIRO MESMO É ESSE AQUI, E APONTOU PRO MEU FILHO: 'O TROFÉU É DELE!'".

RONALDO CAMILO DA SILVA, 55 ANOS, É NASCIDO E CRIADO NA REGIÃO LESTE DE BH. ESTÁ HÁ 55 ANOS NA MESMA CASA NO SAGRADA FAMÍLIA. NA SUA ÉPOCA DE CRIANÇA NÃO TINHA MUSEU, AQUI ERA UM LOCAL ABERTO: "ESSA MATA ERA TODA ABERTA, ELA NÃO ERA FECHADA. EU CRESCI BRINCANDO AQUI, PEGAVA FRUTA E CORRIA DA POLÍCIA, MAS ONDE É O PIPIRIPAU, ONDE TEM AS COISAS ANTIGAS A GENTE NÃO BRINCAVA, MAS A NOSSA VIDA SEMPRE FOI AI DENTRO, A TÍTULO DE BRINCADEIRA, A TÍTULO DE PASSAGEM MESMO, ENFIM, EU CRESCI COM ISSO AÍ MUITO PRESENTE EM MINHA VIDA. DE INÍCIO A GENTE TINHA CERTA REJEIÇÃO, PORQUE A CHEGADA DO MUSEU PODOU NOSSAS ASAS DE BRINCAR NA MATA."

MATHILDE MOREIRA DOS SANTOS É MORADORA DO BECO DESDE SETEMBRO DE 1967. QUANDO SE CASOU, SEU MARIDO TRABALHAVA NA FAZENDA SANTA RITA, EM SETE LAGOAS, HOJE EPAMIG. ELE ERA FUNCIONÁRIO PÚBLICO DO ESTADO E TROUXE A FAMÍLIA QUANDO FOI TRANSFERIDO PARA BH. "ISSO AQUI NÃO ERA MUSEU, ERA INSTITUTO AGRONÔMICO E QUEM COMANDAVA AQUI ERA A SECRETARIA DE AGRICULTURA DE MINAS GERAIS. SOMENTE OS FUNCIONÁRIOS DESSA SECRETARIA MORAVAM AQUI. MEU MARIDO TOCAVA ACORDEOM, ENTÃO OS ÍNDIOS GOSTAVAM DE IR LÁ PRA CASA OUVIR ELE TOCAR. E UM DESSES ÍNDIOS ATÉ NAMOROU A MINHA ENTEADA. O NAMORO ACABOU PORQUE A FUNAI LEVOU OS ÍNDIOS POR VOLTAS DE 1969/70."

CELESTE PEREIRA DOS SANTOS NASCEU NA FAZENDA SANTA RITA, EM SETE LAGOAS. É MORADORA DO BECO DESDE OS SETE ANOS, QUANDO A FAMÍLIA VEIO DA FAZENDA SANTA RITA. ELA SE LEMBRA DE BRINCAR DE GANGORRA E BUSCAR LENHA NA MATA PRA FAZER COMIDA NO FOGÃO À LENHA: "A GENTE NÃO TINHA FOGÃO A GÁS, NÃO TINHA LUZ ELÉTRICA, NÃO TINHA ÁGUA..." E CONTA DA CASA VERDE: "ESSA CASA TEM HISTÓRIA... A MINHA PRIMEIRA PAIXÃO FOI NESSA CASA AÍ... A PRIMEIRA PESSOA QUE EU CRESCI O OLHO MOVARA AQUI. DEPOIS QUE ELE FOI EMBORA HOJE É A PRIMEIRA VEZ QUE EU VOLTO."



LEGENDA:

- 01 CHEGANDO: UM MUSEU SEM CARA DE MUSEU
- 02 AS MATAS
- 03 A LAGOA E O BAMBUZAL
- 04 O UMBUZEIRO DA CANTINA
- 05 A BARRIGUDA
- 06 SOBRE AS TRILHAS DO MUSEU
- 07 A CASA DE CAMPO DO GOVERNADOR
- 08 A CASA DO ZEZINHO
- 09 A CASA DO ÍNDIO
- 10 A CAVALARIA
- 11 O CÉU DO MUSEU

BEÇO



JEUQUITIBÁ



BAMBUZAL



UMBUEIRO



OBSERVATÓRIO



PLACAS DE INDICAÇÃO →



PERCURSO



N

CADERNO DA PAISAGEM

EQUIPE TÉCNICA

CONCEPÇÃO, COORDENAÇÃO E TEXTOS

CARLOS HENRIQUE REZENDE FALCI

MARIANA DE OLIVEIRA LACERDA

ILUSTRAÇÃO

MARIANA AMADOR

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

LUCIANA TERRA – MÚTUA CRIATIVA

BOLSISTAS DO TERRA INCÓGNITA

SOFIA MARSICANO

MARIA JÚLIA CASTRO MORAIS

SABRINE RAFAELLA OLIVEIRA

MARIANA LIMA AMADOR SANTOS

BOLSISTAS PROGRAMA EDUCAÇÃO AMBIENTAL E

PATRIMONIAL DO MUSEU – PEAP

JÚLIA DA MATA RESENDE

HENRIQUE FONSECA MUNDIM

WILLEN COUTINHO BISPO

Realização:



PROEX
PRÓ-REITORIA
DE EXTENSÃO

UFMG



Produção:



MTUA
CRIATIVA

Realização:



PROEX
PRÓ-REITORIA
DE EXTENSÃO

UFMG



Produção:



MTUA
CRIA
TIVA